

# Reencontro em Dakar



*José Luiz Pereira da Costa*

Exemplar para registro na Biblioteca Nacional,  
Rio de Janeiro.

*Dedicado a Paulo, meu irmão, e aos amigos que já partiram,  
Dr. Carlos Santos, Carlos Marcelino e Ronaldo Baptista.*

**H**aviam atravessado o Oceano Atlântico, depois de um voo de sete horas. Carlos sentia-se fatigado. Exausto. Paulo também estava cansado, mas tinha energia para ir bem mais adiante do que a cama do quarto de hotel. O avião, um Boeing 747, da Air France, primeira geração de jatos intercontinentais de grande porte, havia seguido a rota anunciada por um esfuziante chefe dos comissários. O mesmo que, na decolagem do Jumbo, no antigo aeroporto do Galeão, marcara, num francês alegre, nos alto-falantes da cabine, segundo por segundo, de forma regressiva, a corrida desabalada do gigante alado, preparando-se para libertar-se da terra: "... deux, un, zéro – voilà! –, décollage!". Após estabilizar a dez mil metros de altura, servidos alguns coquetéis franceses, e um início de jantar, o aparelho deixou o território brasileiro, depois de sobrevoar a cidade de Caravelas, na Bahia. Aproximou-se em direção ao arquipélago de Cabo Verde, na costa ocidental da África, como prazerosamente anunciou o jeitoso aeromoço, para, na manhã do dia seguinte, pousar em Dakar, no Senegal.

Chegaram ao hotel, de nome La Croix du Sud, a apenas uma quadra da Place De L'Indépendance, no coração da ex-capital do império colonial francês, na África.

Ficaram no mesmo apartamento. Paulo foi tomar banho, enquanto que Carlos prostrou-se na cama, arrasado. Algum tempo depois, de banho tomado, viu o amigo, vestido como viajara, em sono profundo. Havia tirado, apenas, os sapatos.

Do tipo chamado standard, alojava duas camas de solteiro, um criado mudo, um roupeiro, além de um quarto de banho no estilo francês: uma banheira, amarelecida pelo passar dos anos em serviço, tendo como instrumento praticamente decorativo, para os franceses, um chuveiro de mão.

Somente quem se criou usando um chuveiro dependurado, e se depara com o chuveiro francês, será capaz de compreender como é difícil tomar banho tendo que segurar o chuveiro com uma mão, curvar-se para que caia água sobre a cabeça, pois a mangueira é curta e, ainda, ensaboar-se com a outra mão. Com malícia, dizia um amigo comum, que se encontrava também em Dakar, definindo o chuveiro: – Francês não tem **know-how** em matéria de banho!

O Senegal havia se tornado independente da França fazia pouco mais de uma década. Da língua francesa aos hábitos parisienses, a capital senegalesa mostrava-se como uma exótica Paris. Cafés com mesinhas à calçada, onde langüidamente se podia tomar **café au lait**, acompanhado ou não de uma garrafa de água mineral **Perrier** ou **Evien**. Sorver, descansadamente, uma **bière à la pression**, o nosso chopinho. Jantar, com garçons trajando a rigor, coisas triviais como **entrecôte grille avec pome vapeur**. Ou um **steack au poivre**, com azeite e pimenta preta moída na hora, pelo garção, num longo moinho de pimenta. Regados com um legítimo (diziam, os eternos detratores, que cortado com vinho argelino) **Bordeaux**, ou um jovem **Boujolais**. No entardecer, era facultado aos olhos dos interessados, acompanhar o desfile de altas, bem vestidas e coquetes mulheres, envoltas em roupas tipicamente africanas, mas com corte e acabamento inspirados em costureiros da metrópole. As longas vestes, chamavam-nas, num jargão local, de bubu: um cafetã, que alcançava os pés, mas não escondia belos sapatos italianos ou espanhóis, era a base para inúmeras variações, na aparência, no estilo, na cor, enfim, na graça.

E, nos hotéis de luxo, como o complexo Méridien, N'Gor-Diarama ou o Sunugal, na ribeira de Dakar, podiam ver-se mulheres européias – comumente quarentonas, de flácidos seios à mostra –, com sumários monoquins.

Dakar, que viria, em futuro imediato, a ser superada em modernidade por Abidjan, capital da Costa do Marfim, fora, entretanto, o Norte para toda a África Ocidental Francesa. A Ilha de Gorée, parte do Senegal, e bem à frente do porto de Dakar, num momento da história, foi o maior entreposto de escravos do Continente, por onde passaram hordas de homens, mulheres e crianças, que, arrancados de seu mundo, eram levados para as Américas, do norte e central. Gorée, noutra instante da história, fora o centro cultural dessa África Ocidental Francesa, onde transitaram, dentre tantos, três futuros líderes da independência de seus países: Léopold Sédar Senghor, do Senegal; Félix Houphouët-Boigny, da Costa do Marfim, e Ahmed Sekouturé, da Guiné Conacry.

Paulo, enquanto se arrumava para enfrentar o desconhecido, teve tempo de parar um instante. Seu quarto dava para uma viela, lateral à Avenue Sarraut, onde ficava o hotel.

Lá embaixo, sentada num banquinho de madeira, uma preta, pode-se dizer, gorda – em verdade, o vestido, como aqui chamamos, de baiana, aumentava o volume –, preparava um pudim de pão. Os ingredientes jaziam espalhados num conjunto de dois tabuleiros, e no chão à sua volta. Havia já, à disposição dos clientes transeuntes, outros doces, como uma bela cocada circular, da qual nacos haviam sido retirados. No tabuleiro em que trabalhava, naquele instante, estavam as matérias a serem usadas no pudim: pão, naturalmente; ovos, leite e manteiga. Num cantinho, um fogareiro a querosene. Como que hipnotizado ele quedou-se na janela a observar.

Já não era mais a senegalesa quem ele via. A cena não se passava na ruela lateral ao hotel com nome em língua estrangeira. Ele via, na mulher

lá embaixo, a Miúda.

Miúda já era velha, enquanto Paulo, um menino com menos de sete anos de idade. Ele recordou-a sentada, da mesma forma, num banquinho, à porta lateral, com uma escadinha em madeira, de três degraus, do casebre em que morava com suas irmãs casadas, nos fundos da casa principal, um chalé de madeira, na Rua Lima e Silva, em Porto Alegre. Ele não freqüentava, ainda, a escola. Iniciaria a estudar, no Grupo Escolar Ildefonso Gomes, na Rua da Azenha, quando tivesse sete anos, em 1943.

Ela, mesmo anos adiante, quando Paulo já conseguia identificar, mais ou menos, a idade das pessoas, representava, como sempre, ser uma pessoa muito velha. Miúda era parte das comunidades negras que foram largadas na estrada da vida, na primeira geração dos que nasceram após o 13 de Maio, de 1888. Hoje ele pode estimar, com certa segurança, que Miúda teria, nos primeiros anos da década de 40, uns cinqüenta anos. Nascera em torno a 1890, numa borda, pois, da onda libertaria gerada pelo decreto da Princesa Isabel.

Miúda, solteirona, tinha extremos cuidados para com uma legião de sobrinhos, filhos ou não de suas irmãs e irmãos, no melhor estilo social africano. Entre eles Paulo se incluía. Meninos e meninas, pretinhos ranhentos, como alguns os chamavam, para os quais seu coração desbordava, na ação de alimentá-los, com as coisas que seus país – modestos funcionários públicos, auxiliares da justiça, empregados em depósitos comerciais, motorneiros e cobradores de bondes, trabalhadores das companhias de eletricidade e de telefones, mestres-de-ofícios ou deles auxiliares, artesões muitos, detentores, todos, de empregos e profissões que se abriam, pioneiramente, sem grandes questionamentos, para os negros –, não tinham condições de suportar.

Miúda, uma lavadeira de mão-cheia, recolhia os trocos com que

pagavam sua habilidade em deixar as camisas dos doutores impecáveis, alvas e com colarinhos duros, para comprar ingredientes como os que ele, hipnotizado, via no tabuleiro da Miúda, renascida, do outro lado do Oceano, na rua lateral ao hotel Cruzeiro do Sul. A não mais que um quilômetro de um palácio – com altos e imponentes guardas de ébano, com capas vermelhas e lanças metálicas reluzentes –, que abrigava um negro, como aquele que Miúda sonhara por toda a vida, mas que nunca apareceu. Talvez, como ela imaginasse, das conversas que foi ouvindo, no repetir-se da entrega das roupas, nas casas dos doutores: um poeta. Assim como era o presidente Léopold Sédar Senghor, o Poeta da Negritude, o ocupante do palácio vizinho.

Miúda, ou quem sabe Khoudia, fundiram-se em sua imaginação, como uma só pessoa. As ações que ambas empreendiam, uma no presente, a outra no já distante passado, se justapunham. E ele sentiu-se novamente menino, nos fundos daquele terreno cumprido, cheio de capim mal cuidado, com uma vertente, que levava a água de seu olho, para um córrego, então limpo e com peixes, o Riacho. Viu as diversas árvores frutíferas de onde podia, dependendo da estação do ano, satisfazer sua imensa gula infantil: laranjas, quando fazia frio e os adultos diziam que era inverno. Lá estavam as de Natal, que, entretanto, nada tinham a ver com a época do Papai Noel. Pitangas na primavera. Amoras, que sujavam a roupa por inteiro. Tinham, os sobrinhos, contudo, a proteção de Miúda, que as lavava antes da volta à casa, evitando a surra certa. Uvas, muitas uvas no verão. A decepção era a ausência de melancias, tão desejadas, mas nunca encontradas naquela grande fazenda, onde galinhas de pescoço pelado ciscavam soltas, misturadas com patos e gansos impicantes, e que, hoje, ele dimensionaria, sem hesitação, como de 7 metros de frente por 100 metros de frente a fundos. Já como advogado, muitos anos depois, fizera, no inventário da família, a descrição daquele imóvel.

Olhando para o passado, assaltou-lhe uma dúvida, enquanto não desprendia os olhos de Khoudia: Que parentesco tinha, em verdade, Miúda com sua família? Pelos caminhos que iria trilhar, a partir daquela viagem, primeira à África, entenderia muito bem o relacionamento de toda aquela gente pobre, que se acomodara na propriedade de uma irmã de sua mãe, e que coabitada, numa pequena casa de madeira que construíram, envolvendo-se todos como parentes. E eram, verdadeiramente irmãos, na existência e no mútuo auxiliar-se.

Libertos dos locais onde produziam, como escravos – ao contrário da maioria dos brancos, que perderam **status**, ficaram pobres na má administração de bens de herança; na derrota, no sistema competitivo instaurado, especialmente nos nascentes centros urbanos – a massa dos negros não conseguia ascender, nem ir mais para baixo. O padrão moral, religioso ou, ainda, tribal, execrava o comportamento abaixo do nível humilde que detinham. Pobres, desafortunados, na maioria, eram, não obstante, possuidores de um orgulho característico, com o qual viviam e educavam seus filhos.

Comuns eram as frases que incutiam nas crianças o temor a Deus, o valor da vida e da integridade física das pessoas, o respeito pelos bens alheios, a submissão aos mais velhos e, num jogo político de esconde-esconde, o ostensivo repúdio às práticas religiosas ancestrais. Estas materializadas, mais comumente, nos ritos originários das nações ioruba, asante e ewe, que abrigaram reinos como os de Allada, Daomé, Porto Novo, Ketu, Benin, Ife, Oyo, Igala e as cidades-Estados de Lagos, Bonny, Brass, a antiga e a moderna Calabar. Todos contribuíram copiosamente para estufar os navios negreiros, que partiram do castelo de São Jorge da Mina, na atual Cape Coast, em Gana. Repúdio que, como na África colonial, apenas servia de fachada para agradar aos poderosos da época. Não abafava o impulso

ancestral, milenar, do respeito aos deuses, com a prática das oferendas, com os ritos domésticos de iniciação e, mesmo, com a necessidade transcendental de estar em contato com os elementos característicos de sua cultura.

Uma outra recordação veio à mente de Paulo. Agora era Picucha, bem pretinha, magrinha, encarquilhada – seria ceifada pela tuberculose –, extremamente doce e gentil. Afetada, transpirava tipo de cultura que a fazia dispar à simplicidade dos hábitos; dos costumes de sua casa. Todavia, mesmo refinada, filha de criação – eufemismo usado por muitas famílias brancas, que escondia, em verdade, empregadas domésticas de confiança absoluta a baixo custo. Eram **irmãs** que não freqüentavam o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, o Sévigné, ou, mesmo, o Instituto de Educação Flores da Cunha. Talvez por isto, tinha em Olga uma irmã a quem religiosamente visitava, pelo menos dois domingos por mês. Trazia bolos, tortas, biscoitos em latas com dizeres ilegíveis, vindas da Europa, e outras coisas finas que conhecia e as podia comprar, com sua mesada, às quais se juntava o ralo chá-da-índia, e uns bolinhos fritos, que sua amiga, podia oferecer. Paulo sentiu passar pela sua memória olfativa um cheio de perfume francês – seria Chanel? – que sua mãe usava com grande parcimônia: presente da amiga, só podia ser.

Picucha falava de uma forma que Paulo e seus irmãos achavam engraçada. Segurava a chávena e os talheres de uma maneira diferente daquela que faziam ele, seus pais e irmãos. Mas respeitavam profundamente àquela senhora, à qual, honra suprema, lhes era permitido chamar pelo nome e a ela dirigir-se com o íntimo tu: ela era solteira, como Miúda, e amava, igualmente, os filhos de suas amigas. Paulo conserva até hoje um bule em louça, sob a forma de elefante, montado por um indiano, na tromba do qual escorreu, anos a fio, sempre aos domingos, o ralo chá, cujo calor, sem dúvida, se igualava ao que irradiava aquela doce, bondosa e

afetada negra.

Esforçou-se, apenas por um instante, é verdade, em lembrar para quem trabalhava Picucha. Não conseguiu. Contudo, talvez faça contra-ponto, ao registro de Picucha, neste conto-crônica, alguma referência à sua família emprestada, numa dos muitos registros escritos sobre as famílias tradicionais de Porto Alegre.

---

## 2

Nos fundos da casa, onde terminava o terreno, havia um mato de eucaliptos. Para o pequeno Paulo, uma floresta intrincada e sombria. O bosque e a modesta propriedade eram separados por um arroio que nas enchentes ficava caudaloso e transbordava de seu leito. Chegava a matar pessoas. Gerava os flagelados, uma massa humana anônima, pretos e brancos, empurrada para terras devolutas, às margens de rios e áreas baixas.

Para Miúda, suas irmãs e muitos amigos, o local era para respeitar Oxóssi, que na tradição passada de boa em boca, era o irmão mais moço ou filho de Ogum, o orixá da caça: deus das matas, com importante papel na vida da tribo – a pequena tribo de Ambrosina, irmã mais velha de Miúda –, pois protege o caçador; provê-lhe o animal, assegurando a comida para todos. É responsável, da mesma forma, pelas ervas, com as quais fazem as poções, emplastos e chás, para curar os males do corpo. O rio, transpassado por uma pequena ponte de madeira – para Paulo, uma ponte larga e comprida; perigosa, alertavam os irmãos mais velhos – era, também, elemento da comunidade. Oxum, deusa das águas doces, da mesma forma se fazia reverenciada, para que desempenhasse seu importante papel na feminilidade das mulheres, sua fertilidade, e na maternidade.

Paulo lembrou, naquele instante, as pedras de fundo de rio, os berloques de cobre, sem importância, bem como de uma carapaça de tartaruga, coisas que Miúda guardava com afeto. Reverenciava, com ardor, Oxum, a deusa vaidosa, elegante, maternal e feminina.

Neste contexto, sobreviviam em pequenas fraternidades, onde, inatingidos pelo individualismo, marca dos dias que viriam, uns ajudavam aos

---

outros.

A coletividade da Rua Lima e Silva, tempos em que a Cidade Baixa ainda era um ponto distante do centro da cidade, se interligava com toda uma série de comunidades chamadas, então, de avenidas. Corredores de casas (dizia-se: correr-de-casas) dentro de um único terreno, explorados por usurários, via de regra.

Os mais abonados construíram suas casas de madeira em terrenos comprados nas novas ruas que se abriam, antes chácaras de endividados proprietários brancos. As famílias tradicionais da época. O pai de Paulo, outrora motorneiro de bondes, posteriormente funcionário público, havia construído seu chalé na Rua Sebastião Leão, próxima à Ilhota, bem em frente ao Riacho e aos eucaliptos.

Desfez-se a miragem. A mulher, cujo nome não sabia, mas sem dúvidas, igual à Miúda, continuava no preparo de seus quitutes. Carlos – Paulo virou a cabeça para confirmar – prosseguia dormindo. Fechou a porta cuidadosamente e, antes de remover a chave, deliberadamente, por segurança, trancou-a. Apanhou um elevador, como o chuveiro, em estilo francês, do início do século. Na portaria, mecanicamente, depositou a chave numa fenda do balcão, detalhe comum em hotéis pelo mundo afora. Chegou à rua onde moviam-se negros, e mulatos, na maioria, imigrantes ou comerciantes dos países vizinhos, Maurítânia e Cabo Verde, este ainda colônia portuguesa.

Ônibus, semelhantes aos que conhecia de fotos de Paris, disputavam espaço, na agitada Avenue Sarraut, com automóveis Citroën; Renault, num modelo popular, com toldo de lona, e sofisticados Peugeot, dirigidos tanto por brancas francesas, como por negras senegalesas, num número surpreendente de mulheres motoristas. Com cuidado, ainda parado

sob a marquise do hotel, foi examinando a galeria de tipos humanos, com os quais não estava acostumado, mas que, ainda não podia explicar para si próprio, não lhe pareciam estranhos. Aliás, a cena envolvendo Miúda e a doceira senegalesa, constituía-se num pano de mostra das surpresas que iriam ocorrer.

Numa saudação simpática de um estranho a si endereçada, mas também ao início de tarde, em tempo de fim do outono (em verdade a transição entre as estações seca e úmida) senegalês, Paulo ouviu, com prazer íntimo, seu primeiro Bonjour! Vinha de um homem de quase dois metros, enfiado dentro de uma túnica branca, com um bordado em ouro na abertura ao peito. Usava, na cabeça, um pequeno chapéu vermelho, com um penacho caído de lado. A memória de filmes fêz-lhe lembrar Charlton Heston, como Gordon Pachá, às voltas, no Sudão, com Laurence Olivier (artificialmente enegrecido, como All Jolson, em O Cantor de Jazz), um líder muçulmano fanático, assim o caricaturaram os produtores, em Khartum.

Paulo iria saber, em oposição, uns poucos dias após, tratar-se, o fanático muçulmano, de Muhamad Ahmad al-Mahdi, que viria a criar o mais importante movimento contra o colonialismo inglês, no Sudão – quando da partilha africana pelas potências europeias –, chamado o Mahdiyya, guerra santa (djihad). Charles Gordon, general inglês, enviado para esmagar à resistência de Mahdi, por haver subestimado o inimigo, foi morto na batalha que pôs fim, em 1885, à dominação turco-egípcia sobre o Sudão.

Os carros de aluguel, com o taxímetro do lado externo, como eram, outrora, os táxis em Paris, passavam a todo instante. Fez parar a um deles. O solícito chofer abriu a porta traseira, para que seu passageiro entrasse. Acomodado o cliente, perguntou qual a direção.

Iniciou-se, assim, ali, seu pequeno calvário. Como explicar-se em francês? Fazia mais de vinte anos que estudara, no ginásio, rudimentos

daquele idioma. Sabia rezar uma Ave Maria completa em francês, por obra e graça do irmão lassalista, que insistia em exigir, diariamente, antes do início de sua aula de francês, a reza de uma Ave Maria e um Pai Nosso, naquele idioma.

O irmão havia ensinado, outrossim, a cantar o Frère Jacques, Frère Jacques; done vous, done vous; sone le matine, sone le matine: din, den, don...

Mas isto não iria, sem dúvidas, ajudá-lo a chegar no fim da autoroute, na estrada para Rufisque, onde os senegaleses, em cooperação com os franceses, construíram modernos e sofisticados pavilhões, que abrigavam a I Feira Internacional de Dakar. Mostra para a qual a Câmara de Comércio Afro-brasileira levava jovens negros brasileiros, na sua maioria, representando diversas empresas, numa primeira abordagem comercial séria e organizada, ao mercado africano, via Senegal.

Os anos seguintes mostrariam que, havendo outras portas de entrada na África, como a Nigéria, Angola e, mesmo, Gana e Costa do Marfim, a escolha dos diplomatas por Dakar fora a mais desacertada possível. Mas tentaram, o que é importante.

– Bonjour, respondeu Paulo.

– Please, to Dakar Trade Fair!

– S'il vous plaît?

– A la Feira!

Foram longos, dramáticos minutos quando tentou explicar ao desavisado chofer, que uma Feira Internacional acontecia em sua cidade e que ele, que falava razoavelmente bem espanhol, inglês, português e entendia italiano, desejava ir naquele local. A palavra mágica não aparecia, por mais que se esforçasse. Saiu para fora do carro e abordou um mulato que passava:



– Do you speack English, please?

Surpresa:

– Sim, falo português!

Bingo. Encontrara um jovem cabo-verdiano, que na singela pergunta em inglês fora capaz de identificar seu forte acento.

Com o ar da tarde entrando pelas janelas do confortável Citroën, que desenvolvia a ilegal velocidade de 120 km por hora, desligou-se do velocímetro para concentrar-se nos nacos de paisagem, que filtravam por entre os muros divisórios, construídos ao longo da autoroute. Como seu táxi, os demais carros movimentavam-se em velocidades semelhantes, evidenciando um comportamento padrão dos motoristas a trafegar pela rodovia moderna, segundo padrões europeus.

Terminada a auto-estrada, com suas duas pistas, isolada uma da outra por arbustos, Paulo fixou o olhar em prédios alongados, como imensos e estilizados chalés, imaginando que seria a feira. A aproximação do local eliminou qualquer dúvida, posto que, no portão principal, tremulavam, ao vento morno daquela tarde, bandeiras de muitos países.

Procurou, por instinto, à sua verde e amarela, vindo a encontrá-la, não sem antes deparar-se com dezenas de bandeiras contendo o verde e o amarelo. Eram cores que a maioria dos recém independentes Estados africanos escolheram para suas bandeiras, por sugestão do primeiro encontro, em Adis-Abeba, Etiópia, da Organização da Unidade Africana, em 1963.

Na confusão de uma feira, em seu primeiro dia, ele conseguiu descer a uns quinhentos metros do portão principal. Não sem antes voltar a enfrentar o dilema inicial:

– How much, Sir?

Ou porque how much é som universal; ou porque ao fim de uma corrida de táxi, em qualquer lugar do mundo, o mais que se tem a fazer é

pagar, houve a devolução imediata, pelo chofer, de palavras, que significavam números, porém em francês.

Paulo fez o sinal com a mão, de quem implora por um devagar. Queria entender os números que quantificariam seu débito.

O senegalês, rápido, porém, resolveu o problema da forma mais prosaica: apontou com o dedo para o taxímetro, montado sobre o pára-lama dianteiro de seu carro, ao alcance dos olhos de Paulo e da sua mão. Esta movimentou uma alavanca, interrompendo o processo de medição.

Viram, em números bem claros, o total de francos CFA – Comunidade Financeira Africana – a ser pago. Tratou, pois, de pagar o motorista usando a moeda internacional dos países de fala francesa, daquela parte da África, que comprara no aeroporto Yoff.

### 3

De volta ao hotel – oito horas mais tarde, sem qualquer dificuldade, pois viera num carro alugado pelo pessoal da Câmara de Comércio Afro-brasileira, de cuja equipe ele era integrante –, solicitou e, surpreso, encontrou a chave na portaria. Carlos não descera, passado todo esse tempo. Intrigou-se e, mesmo, ficou com uma ponta de preocupação, enquanto subia de elevador.

Meteu a chave na porta e entrou. Sentando, banho tomado, vestido, visivelmente contrariado, Carlos acusou:

– Por que me fechaste aqui?

Sem entender bem o que se passava, explicou:

– Ora, tu estavas dormindo e eu fechei a porta. Temos dinheiro, passaportes, máquinas fotográficas e outras coisas. Tu achas que eu ia deixar a porta aberta?

– Ademais, prosseguiu, tive o cuidado de deixar a chave lá embaixo, na portaria. Bastava tu apanhar o telefone aí, na cabeceira, e ligar para a recepção pedindo a chave. Só isto!

Carlos hesitou. Abrandou a veemência e, noutro tom, lamuriou:

– Olha aqui. Tá vendo meu dicionáriozinho. Mostrou uma versão diminuta de um chamado dicionário de bolso. – Procurei pela palavra **chave**. Encontrei a correspondente em francês, **clef**. Levantei o telefone do gancho. Falei. Ninguém me entendia. Insisti e até gritei várias vezes, **clef**; mas nada. Ninguém compreendia. Não tiveram sequer a curiosidade de subir aqui para saber o que se passava.

Então, como implorando piedade, arrematou: – Se o hotel pegasse

fogo eu ia morrer queimado.

Paulo sorriu; riu e, em seguida, os dois gargalharam.

Decidiram sair para a noite de Dakar.

Passaram, antes, no quarto de outro brasileiro, uma espécie de líder natural do grupo. Na organização do estande da Câmara de Comércio, ele estivera várias vezes em Dakar. Falava francês com fluência, e insinuava-se com desembaraço em todos os espaços que se lhe abriam. Ronaldo, o líder, convidou-os para comer cuscuz num dos muitos restaurantes de pratos típicos, em verdade, marcadamente árabes, especialmente dos países mais ao norte, como Mauritânia, Tunísia, Marrocos, Líbia e Egito.

Embarcaram no Renault alugado e, com Ronaldo na direção, foram parar nos arredores do centro de Dakar, nas proximidades do farol que sinaliza, para os navegantes, a geografia da área. Na encosta do pequeno monte, o restaurante era acolhedor e acomodava seus freqüentadores em almofadas, espalhadas pelo chão, em torno a mesas baixas, adequadas para as pessoas comerem naquela posição.

O ambiente era de penumbra. Quase imediatamente, apareceu um garção vestido no estilo senegalês, ou seja, com um bubu longo, branco e com bordados. Ronaldo comandou cuscuz para quatro – juntara-se a eles um terceiro, Pires, o tesoureiro –, garantindo que iriam gostar da experiência gastronômica.

Feito de farinha de milho, fervido no vapor, o cuscuz é servido com legumes também cozidos, e grandes porções de carne de carneiro. Na empolgação da experiência, Ronaldo ensinou aos demais a arte de comer cuscuz com as mãos, como fazem muitos turistas e, no melhor estilo, os nativos.

O ambiente alegre, quer pelo vinho francês, já ingerido em boas quantidades, quer pela excitação dos brasileiros, na exceção de Ronaldo,

todos pela primeira vez na África, tinha a emoldurá-lo o tocador de balafo, instrumento de muitas cordas, que era executado por um repentista. Ele escolhia um detalhe da roupa, do cabelo, o bigode, do cliente; ou a beleza da acompanhante, para, em versos repetitivos, como o é a música que toca, arrancar risos e uns trocos de cada mesa. Paulo fora brindado com uma saudação a seu **moustache**. Era das palavras que, como aquele fragmento, "mère de Dieu, prier pour nous, pour pêcheur" da Ave Maria, o tempo não apagara. O repentista, seguramente da etnia dos **ouloffs**, o maior e mais importante do país e o que mais sofreu a influência árabe, insistia, em versos no seu dialeto, cujas palavras inteligíveis, para os ouvidos dos brasileiros eram, apenas, **joli** e **moustache**. O bonito bigode de Paulo fez render assunto para o resto da noite.

Voltaram todos ao centro da cidade, que tinha maior agitação. Foram para a Avenida Georges Pompidou, onde os odores característicos da cidade começaram a penetrar, devagar, mas de forma constante e para sempre, em todo o ser de Paulo

**A** Avenida Pompidou ligava dois pontos essenciais de Dakar: a Praça da Independência e o Mercado Sandagá. Este viria a se revelar, no dia seguinte, para todos, um mundo novo, onde se iniciariam na arte da barganha, praticada com gosto e habilidade por todos e cada um dos comerciantes do local. Maomé teria dito que quem não barganha não merece o dinheiro que possui. Assim, os comerciantes do Sandagá se esmeravam em não desapontar o profeta. O mercado era um palácio, a céu aberto, entulhado de vestidos, batas, cafetãs, lenços, apresentados em fazendas de cores vivas e alegres, como o sol dos trópicos, passando através de um prisma. Colares, miçangas, berloques, enfeites – tudo formando um painel multicolorido e inesperado, que demoraria, daquele ano, 1974, muitos outros, até invadir as

praças do Brasil.

Avante, o Sandagá era para negociantes libaneses, naquele tempo, o que o Brasil é hoje para comerciantes orientais, baseados no Paraguai. Nas inúmeras tendinhas, já naquele tempo, exibiam-se rádios de todos os tamanhos, com alcance mundial; gravadores de fitas e fitas; recém nascidos video-cassetes e relógios digitais, tudo importado de Hong-Kong, Japão, do oriente, enfim – que enchiam os olhos terceiro-mundistas africanos e brasileiros.

Carlos e Pires estavam muito cansados. Por isto, recolheram-se ao Cruzeiro do Sul, para uma noite na horizontal, esticados enfim. A viagem da noite anterior, sentados no avião, obrigara-os a não mais do que cochilos, e um permanente buscar de uma posição mais favorável, não encontrada.

Ronaldo e Paulo embarcaram no Renault e tomaram a direção dos subúrbios de Dakar. A noite já ia longe, mas, elétricos, os dois não sentiam os efeitos, para Paulo, da viagem da véspera e, para Ronaldo, de dias de intenso trabalho, organizando os estandes da Câmara de Comércio.

Deixaram o carro num certo ponto do bairro Sicap Deupeul, um conjunto residencial cooperativo, com casas de boa qualidade, para classe média. Caminharam, sem medo ou preocupações, por ruas estreitas e deficientemente iluminadas, que partiam da avenida larga, espinha dorsal, do conjunto habitacional.

Chegaram a uma casa onde Ronaldo foi bem recebido por uma jovem mulher, exuberante e linda negra, que falava, igualmente, português. Tinha um acento lusitano pesado. Ela fez espaço, ao mesmo tempo em que, com três beijos – ainda não em moda no Brasil –, saudou Paulo. Olga era seu nome.

– O nome de minha mãe; pensou.

Entraram e foram apresentados a outras pessoas, que falavam,

todos, aquele português antes, quando ouvido, sempre a sair de lábios de brancos. Os brasileiros, nos dias seguintes, iriam divertir-se face a novidade. Eram todos nacionais da Guiné-Bissau, país vizinho do Senegal, ainda em luta por sua independência. A casa pertencia a Tio Gege, espécie de chefe do clã, e que ocupava o lugar do sobrinho, morto em combate, na Guiné. Era Tio Gege, souberam já naquela noite, um venerável marabu. Não o da tradição árabe, entre os **ouloffs** – do que se dedica a ensinar o Alcorão, vivendo como eremita em afastadas populações rurais –, mas do animismo africano, especialmente do interior da Guiné, de onde Tio Gegê era natural.

Com naturalidade, Paulo foi sendo absorvido pelos lusófonos que, se podia notar, já fora envolvido pela simpatia de Ronaldo. Presente uma brasileira, Vera Lúcia, de São Paulo. Trabalhava no **Institut Fondamental d'Afrique Noire – INFAN**, encarregada de um espaço, na Rádio Nacional do Senegal, com músicas brasileiras. Vera, como era chamada, foi logo pedindo para, quando voltassem, mandarem-lhe algumas novidades de nossa música, para sua programação semanal.

O assunto oscilou sobre os traumas deixados pelos portugueses, que estavam, por quase meio milênio na Guiné, como em Angola e Moçambique, mas, superando-se em incompetência, fizeram de Bissau uma pálida sombra de Luanda e Lourenço Marques. Paulo visitaria, atônito e confuso, um ano mais tarde, Baissau. Iria, mais adiante, para consolidar seu ponto de vista sobre a colonização portuguesa na África, conhecer Cabo Verde e Moçambique.

Cerca da meia noite, vários dos presentes foram embora, inclusive Vera Lúcia. Ficaram Tio Gege, muitos parentes, Ronaldo e Paulo; ainda, um conjunto de religiosos. A noite quente foi providencial para o instante a seguir.

Tio Gege, vestindo um longo bubu branco, encheu toda a cena. Deslocou-se com firmeza e, ao mesmo tempo, graça, seguido por algumas

sobrinhas, para o centro do quintal. Elas conjuntamente usando longos vestidos brancos, com véus que os encobriam, de tons róseos suaves, fizeram um círculo espaçoso, ao centro do qual o marabuto ficou imóvel. Búvios pendiam dos turbantes que elas usavam e que combinavam com outras conchas que lhes serviam de brincos. A que aparentava ser a mais velha dentre elas, meninas entre quatorze e dezoito anos, tinha, como colar, um grande caramujo, graciosamente seguro em suas pontas, por contas multicoloridas, que contornavam o seu pescoço. Suas mãos, negras nas palmas, davam a impressão de alguém que houvesse agarrado carvão, ou segurando algo recém pintado de preto. Ele encontraria, nos dias seguintes, por Dakar, muitas mulheres com as palmas das mãos assim pintadas.

Malvina, o seu nome.

Era a sobrinha moça, a predileta de Miúda.

O dia, 2 de fevereiro. Talvez, 1943.

Para Paulo aquele era, sem dúvida alguma, o dia mais importante de todo o ano. Ele aguardava com ansiedade a volta do calendário, para, ainda outra vez, marcar o **Dia dos Navegantes**. Assim, em sua casa, todos se referiam à festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Uma festa, ver sua mãe fazer galinha com farofa; seu pai trazer, da banca do Holandês, no mercado público, mortadela, queijo, queijo-de-porco, maçãs e peras. Dona Olga levaria tudo numa bolsa de couro de crocodilo (ecologia era, ainda, apenas um verbete em dicionário), muito grande. Recordou-se, lembrando a bolsa, o dia em que ficou escondido olhando ver sua casa invadida por uma mulher forte, enérgica, com uma bolsa igual à de sua mãe. Mulher que caminhava freneticamente dentro da casa, fazendo ringir as táboas do soalho, com seus passos vigorosos. Dos passos o ruído cessou; cedeu lugar a um choro frenético de criança: era a parteira que trouxera à luz seu mais novo irmão.

O 2 de Fevereiro era a data na qual, todos os anos, repetia-se o ritual que, embora importante, não resistiu inalterado ao passar dos anos e às mudanças do perfil da família e da cidade. Mas, enquanto durou... E o que recordava, naquele instante, em Dakar, era do tempo bom. Do tempo enquanto durou, à antiga.

A família foi, e voltou da Festa.

A grande aventura – o passeio de barco, na procissão no Rio Guaíba – havia terminado. Tivera tempo, com seu irmão mais velho, de passear entre navios em decomposição, nas áreas adjacentes à Praça da Igreja dos Navegantes. Embarcações que lhe traziam à imaginação história de gravuras de uns livros, muitos gibis dos irmãos mais velhos, e já constantes seriados, das matinês do Palermo, Apolo, Coliseu, Garibaldi e Castelo.

Pouco após ao meio dia – no hábito de seu pai, antes que as pessoas se tornassem inconvenientes, pelo efeito da cerveja, e a bolsa de crocodilo já vazia, depois de enfrentar a boca de seis filhos – tomavam os bondes Navegantes e, a seguir, o Gasômetro, voltando para casa. Até o ano seguinte.

Paulo foi, como de sua rotina, para a casa da Miúda. Viu Malvina muito diferente. Assim, para um menino de sua idade, ficaria a imagem de Malvina: diferente. Agora, em Dakar, mais de 30 anos passados, Malvina é jovem e tem dezoito anos, como a sobrinha de Tio Gege. Movimenta-se com graça e vai cumprir seu dever.

De fato, naquele 2 de Fevereiro, perdido no tempo, Malvina, como uma baiana, vestida de branco, turbante na cabeça, atravessou o Riacho e embrenhou-se no mato de eucaliptos, de onde Paulo – isto ele se lembra muito bem e vai recordar até o fim de seus dias –, ouvia os sons de muitos instrumentos.

Curioso, mas temeroso, da mesma forma, buscou apoio incitando

outros moleques, sobrinhos da Miúda, a atravessar o Riacho e ver o que Malvina fora fazer lá no mato.

Por trás de um eucalipto – eucaliptos não são grossos, mas quando se tem sete anos, e se é magrinho, como ele era, tem-se a impressão de estar atrás de um baobá –, Paulo e seus cupinchas, assistiram a um rito real de iniciação africano. Ritual que, na seqüência infindável de coincidências que marcariam a sua vida, ele iria reencontrar, e mesmo participar, não apenas assistir, muitos anos mais tarde, em Larteh, nas colinas próximas de Acra, capital de Gana.

Todo um círculo de mulheres, tias para Paulo, porém, em verdade, na casa dos vinte anos, vestidas de branco, dançavam em círculos que abriam e fechavam, no ritmo que empurrara Paulo até o interior da mata. Um homem, tal qual Tio Gege, fumava cachimbo, ou um charuto, não via bem, e se aproximava e se afastava das jovens, que faziam movimentados ritmados, tornando o círculo maior ou menor; mais próximo ou mais afastado do velho. O instante era de homenagem a Oxóssi, o caçador. Senhor das matas, responsável pelas ervas que curam o corpo das pessoas.

Enquanto divagava, na casa de Tio Gege, no Senegal, recordou o terreno onde se encontra, hoje em dia, o Hospital da Associação dos Funcionários Municipais de Porto Alegre. Uma prolongada, mas efetiva cirurgia urbana, transformou aquela área num bairro de classe média, onde estão modernos edifícios de apartamentos. Grupo escolar e escola técnica. Instalações da Prefeitura. A útil Avenida Erico Veríssimo, parte de um sistema de avenidas perimetrais e radiais. As pontes do Arroio Dilúvio. Todo um conjunto que, nos anos 40, se constituía basicamente das curvas do Riacho, um tambo de leite, as cabras de seu Lothar e um grande mato de eucaliptos, onde Malvina, e seus confrades, prestavam respeito às divindades ancestrais, com as cabras de seu Lothar, seus vários cachimbos, e as galinhas de

pescoço pelado da Miúda.

Lembrou, da mesma forma, das muitas casas de nação (eram nações sem nome específico, mas poderiam ter sido, casas da Nação Achanti; Fanti; Ioruba; Marave ou Ewe), que pontilhavam na área entre as ruas Sebastião Leão, Concórdia (Jose do Patrocínio), Arlindo e Olaria (Lima e Silva). Nunca estivera em nenhuma delas. Não tinha idade, e nem estímulo para freqüentar as casas de nação, pois em sua família, como mais tarde constataria, na Costa do Marfim, Gana e Nigéria, uma forte orientação cristã, o afastava de suas raízes. Não culpava seus pais, mais adiante quando, jovem engajado em movimentos negros, refletia a respeito. Afinal, deve ter sido difícil desafiar ao amo para levar adiante, por séculos, o lume ancestral. Os que resistiram, renegados e hostilizados, mesmo entre os seus, garantiram muito do que se consistiu a cultura brasileira, louvada e cantada por poetas, músicos, ficcionistas, historiadores enfim, pelo pensamento nacional.

Passou-lhe pela cabeça, naquele instante, fragmentos do recém lido "A Tenda dos Milagres", de Jorge Amado: "Correra voz que se Procópio ousasse abrir o barracão, o delegado Pedrito viria em pessoa e ai de quem estivesse presente. Ele próprio avisara o pai-de-santo: se bater, será pela última vez." E: "A ordem era acabar com o babalorixá. Desprezando conselhos e avisos, Procópio decidiu abrir o Terreiro por ocasião do Corpus Christi, dia de Oxóssi e saudar o orixá."

Da Rua Lobo da Costa, no mesmo 2 de Fevereiro, saia, cedo na manhã, ruidoso cortejo, onde era homenageada, já de forma pública e sem qualquer contestação, que não a prédica do padre nas missas da Igreja da Sagrada Família, a deusa das águas, Iemanjá, figura sincrética de Nossa Senhora dos Navegantes. Precedia a esse cortejo ou procissão, uma bem arranjada banda, a Lyra (com y duvidou sua memória) do Zé Pereira (fraquejou de novo, na incerteza, a memória) como aquelas presentes em Lagos, Ibadã,

Porto Novo, Acra e outros lugares da África, com o nome de "brass-band", em funerais, especialmente de chefes e reis.

Os que se enrustiram garantiram, uns, o sincretismo presente e, agora, exaltado em movimentos religiosos da atualidade.

Asseguraram outros, ficando cristãos somente, a presença negra, inicialmente nas irmandades do tipo Rosário e, posteriormente, no amplo espectro de todas as igrejas cristãs. Tornaram-se padres, pastores, pregadores e bispos, como Peter Sarpong, bispo católico de Kumasi, capital do Reino Achanti, que Paulo viria a conhecer anos adiante, e que escreveu sobre assuntos sincréticos dos seus cultos ancestrais afro e de sua religião cristã, tais como Deus, Divindades Menores, Visão Teística da Religião, Veneração Ancestral, Sedução e Fetiches, muitos reunidos em seu livro "Gana em Retrospecto – Alguns Aspectos da Cultura Ganense", de 1974.

Paulo, os olhos fechados, agora acorçado em um canto, na parte posterior da casa de Tio Gege, sentia-se como que escondido atrás de um eucalipto, ainda menino, calças curtas, pés descalços sobre o barro úmido, frio, de uma chão que recebia pouca luz e estava à margem do Riacho. Desta feita, contudo, experimentava certa paz interior, ausente naquele momento de bisbilhotice, muitos anos atrás.

Uma espécie de calor, emanado de um corpo muito próximo, fê-lo abrir os olhos. Sentiu tocar em sua pele a bata de Tio Gege. Estremeceu, envolto num misto de perplexidade, ao olhar, de baixo para cima, o homem como a um gigante: ele menino, desprotegido, xeretando atrás de um eucalipto, no mato dos fundos da casa da Miúda. O marabuto desceu ao nível de Paulo, delicadamente tomou-lhe as mãos. Falou com uma voz calma, até parecia que sem aquele acento lusitano de quando se conheceram, horas atrás:

– Aqui na África somos uma e única família. Fez uma longa pausa. Continuou: – O pai de Jeanot, ele igualmente João, foi morto na guerra, lutando ferozmente contra os portugueses. Que gente má! Como fazem-nos sofrer. Não vão deixar nada. Lá estão, geração após geração, a levar o pouco que temos. Não nos ensinaram nada. Vai a Bissao. Vai conhecer uma terra onde estão há quase quinhentos anos. Vai e vê o que fizeram eles. Aqui somos como uma única família. Repetiu o marabu para prosseguir: – Hoje eu substituo ao João. Sou o pai dos filhos dele. Jeanot tem uma missão para cumprir no Brasil. Jamais vou poder-te pagar o que sei, vais fazer por ele.

Deu às costas, num movimento gracioso de sair de cócoras e postar-se de pé. Caminhou para a roda aonde, ainda, os trabalhos continuavam em andamento.

Jeanot, em verdade, veio para o Brasil em 1976, com uma bolsa de estudos, e, sete anos depois, voltava, com dois cursos de engenharia, tirados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para Bissao onde dirigiria a empresa nacional de telecomunicações.

– Ei Gaúcho, que tal a experiência? perguntou Ronaldo.

– Vamos dormir, temos muito que pensar. Quietos os dois rodaram pelas ruas desertas de Dakar, no caminho para o Cruzeiro do Sul.

## 4

Ronaldo Baptista, com competência, montou um esquema inteligente para dar apoio às empresas que estavam na feira, coordenadas pela Câmara de Comércio Afro-brasileira. Contratou, nos dias que precederam ao evento, jovens naturais da Guiné e do Cabo Verde. Seu bom gosto fez alinhar várias moças que, eram, todas, bonitas. Trajavam roupas vistosas, locais. Falavam francês, português e **ouoloff**, pelo menos. Algumas se expressavam, ainda, em inglês e, naturalmente, nos seus idiomas nativos.

Três sobrinhas de Tio Gege, lideradas por Olga, a mais velha, se reveavam no atendimento a curiosos comerciantes do Senegal, do Mali, da Maurîtânia, de Gâmbia, da Guiné, Cabo Verde e lugares bem mais longe como Camarões, Nigéria, Gana, Costa do Marfim, Serra Leoa e Libéria. Os produtos brasileiros em exposição, especialmente os sapatos do Vale dos Sinos, eram a grande atração.

Como conseqüência natural, os jovens executivos negros, a serviço da Câmara de Comércio, e de empresas paulistas e gaúchas, tornaram-se freqüentadores da casa de Olga. Logo em seguida, Paulo foi feito o assador de um churrasco, que improvisou sobre duas pilhas de tijolos; trempes retiradas de um de fogão, e algum malabarismo.

Da mesma forma, noutro dia, Carlos, boêmio, tocador de violão e cantor, alardeara, iria cozinhar um carreteiro. Fez tornar-se o arroz com picadinho de carne, numa sopa, não num semi-sólido prato, eis que, ao invés de cuidar da comida, ocupou-se com o bom e generoso vinho francês e o dedilhar das cordas, o que fazia, isto sim, com grande sensibilidade e paixão.

Encantou, com sua voz e violão, apresentando músicas desconhecidas dos cabo-verdeanos e guineenses, de Lupcínio Rodrigues, a noite senegalesa, no quintal da família Rosa.

Paulo sonhava, de olhos abertos, naquele novo e fascinante mundo, especialmente na medida em que ia encontrando seu passado, sua memória, no juntar espontâneo de peças de um quebra-cabeça, que se transformavam num primoroso painel, de cores lindas e imagens preciosas. Carlos introduzia mais Lupcínio para ouvintes deleitados. A dor de cotovelo buliu com as raparigas, assim como o faz aqui: "o remorso talvez seja a causa do teu desespero. Você deve estar bem confiante no que praticou. Me fazer passar esta vergonha com um companheiro, se a vergonha é a herança maior que me pai me deixou", cantou e encantou Carlos.

Os pais de Paulo, e de Lupcínio foram jovens na mesma época, e ele nunca entendeu bem por que seu velho sempre achava graça ao ouvir o trecho, "se a vergonha é a herança maior que meu pai me deixou..." do clássico Vingança. Sorriu, então, como fazia seu falecido pai. Fixou, em seguida, seu olhar na lua cheia, por trás da Grande Mesquita de Dakar, um majestoso monumento da arte mourisca, a garantir-lhe que, em verdade, estava muito longe de casa, não importando que Lupcínio, carreteiro e o violão de Carlos fizessem o contraponto brasileiro.

**P**aulo encontrou, bem à frente do cais de Dakar, de onde partem barcas para excursão turística à Ilha de Goree, um livrinho sobre o passeio que fariam naquela manhã. Como as anteriores, ensolarada, quente, mas agradável. Acomodou-se num banco e, enquanto cada um buscava um ponto de atração a seu gosto na paisagem que se descortinava, distraidamente, abriu a brochura, e olhou pessoas e coisas dentro da pequena embarcação. Vestiam-se, todos os homens, com as batas tradicionais; as mulheres trajavam

vestes longas e rodadas, mas diferentemente das pessoas que encontrara no centro de Dakar, estas usavam roupas simples, gastas, surradas, na maioria. Transportavam víveres, como galinhas e farinhas. Mulheres jovens carregavam crianças às costas. Outra, bem perto de si, transferia sua seiva de vida para o filho que amamentava, cumprindo mandado da natureza, pondo à vista belo e hígido seio materno. Poucos, mais do que os brasileiros, pareciam ser turistas. A barca era mais um transporte interurbano do que um meio de recreação para visitantes.

Paulo olhou para um homem alto e forte, com um turbante envolvendo a cabeça. – É um tuaregue, adiantou-se em explicar Vera Lúcia, do INFAN, que os acompanhava. Acrescentou que, "nômades por natureza, os dias atuais tinham feito muitos deles sedentários moradores de cidades, como Dakar ou, mesmo Gorée". Com a fama de xerifes do Saara, por onde se movem de norte a sul, aquele grande tuaregue, encostado na popa da barca, olhando como que perdido o mar de água azul à sua frente, não de areia, do seu deserto, era, sem dúvida, uma figura anacrônica.

Começou a ler: " Por fim, a ilha de Gorée nos espera, com um véu de mistério, toda impregnada de história. Testemunha discreta de lutas e da cupidez de tempos passados, ela vai se apresentar como uma pequena vila, com casas de fachadas vermelhas e ocre; suas vielas estreitas e longas, convidativas para o passeio: a Rua da Companhia, a Rua das Fontes; a Rua Saint-Germain, a Rua dos Gourmets, sua Praça, ainda com o velho quiosque, a Igreja de São Carlos, com seu tranqüilo jardim. Sem automóveis, fumaça ou poluição, ar puro sempre.

" A primeira parada será no museu do IFAN, onde toda a história do Senegal, e, mesmo, da África Ocidental, está reunida. Você vai conhecer a casa dos escravos e dar uma olhada pela porta, a última a ser transposta na África pelos escravos aqui reunidos, neste entreposto, em sua jornada, nos



navios negreiros, para as Américas."

Caminharam, mais ou menos, como sugeria o programa. Subiram uma elevação e encontraram um mato de baobás, através dos quais filtrava uma imagem distante e translúcida de uma Dakar cosmopolita, cinza nos seus edifícios modernos, espalhados no reflexo de um mar levemente agitado e de profundo azul.

Sentaram-se, por instantes, na grama bem verde que a umidade do ar, a formação geológica e a sombra das árvores garantiam à ilha, contrastando com o outro lado, Dakar, que, embora batizado pelos primeiros navegadores europeus como **Cap-Vert**, é envolvida por cinturões arenosos e anéis de dunas.

Aqueles momentos de descanso, trouxeram-lhe à mente outra travessia de barco. Adolescente, dezoito anos, cruzara, então, o Rio Guaíba, sem a companhia dos pais, numa gosolina, nome de pequenas embarcações que se moviam no estuário do Guaíba e rios tributários, fazendo transporte de areia, pedras de rio e vegetais. Desta feita a companhia já era feminina. Jovens, todos sócios do Clube Náutico Marcílio Dias, iriam para a inauguração da sede náutica do Clube.

Era um lance a mais num longo confronto entre o estabelecido e o novo. Desde sua fundação o clube náutico para negros encontrara forte resistência em setores da sociedade local, especialmente na Federação Náutica Rio-grandense. Teve, da mesma forma, aliados, posto que uns, poucos é verdade, clubes náuticos chegaram a doar barcos de competição para o Marcílio Dias. Os irmãos Fraga, especialmente Heitor, enfrentaram uma dura batalha ao criar e manter o clube náutico dos negros.

Reviu, em instantes, a breve, porém densa, história de seu Clube, buscando um lugar entre as sociedades recreativas e, notadamente, em meio às náuticas, sem ter tido jamais um piscina. Desapareceu, o Marcílio, como os

jovens o chamavam, com o processo de integração racial, que o crescimento demográfico forçou. Da mesma forma, liquidou o Marcílio a busca de opções de laser, e a oferta deste mediante pagamento, numa competição a mais dentro do processo capitalista. Somou-se a mais, a melhoria sócio-econômica de muitos segmentos das comunidades brasileiras, onde obviamente os negros se incluem, nas décadas de 60 e 70.

Associações de professores; clubes de magistrados; corporações de médicos, engenheiros, advogados; sindicatos de obreiros qualificados ou não, cada vez mais começaram a ver freqüentar suas instalações negros, parte integrante dessas categorias. Aos poucos o pertencer a pequenas sociedades exclusivamente de negros foi sendo substituído, por associados do Marcílio e outros clubes modestos, pelo estar, como membros, em locais confortáveis, com quadras de esportes, piscinas, salões de baile, às vezes climatizados, de suas entidades corporativas, como as Associações do Banco do Brasil, o Clube dos Professores, a Associação de Juizes e Magistrados, etc. Mesmo, sociedades tradicionais de negros viram, com naturalidade, paulatinamente, seu perfil ser mudado para clubes de bairro. De pessoas daquela zona, simplesmente.

A sede náutica do seu Marcílio Dias, então sendo inaugurada, era mais ou menos tudo o que sonhavam os jovens, bisnetos de escravos. Um grande prédio de alvenaria, surpreendentemente, com um sólido ancoradouro. Construído com um imenso salão à frente, se abria ao fundo em corredores que chegavam a pequenas peças, como que escritórios. Viam-se muitos banheiros, todos modernos para a época, em louça importada e com metais de alta qualidade. As janelas possuíam esquadrias de primeira. Todo o edifício, ocupando parte considerável da Ilha Grande dos Marinheiros, fora construído em meio a um amplo gramado, atravessando a ilha no sentido leste-oeste.

Em tudo contrastava com a sede do Clube em Porto Alegre, na

Avenida Praia de Belas, quase esquina com José de Alencar: dois barracões de madeira. Um onde estava o salão de festas, o bar, dois sanitários, e a secretaria. O outro acolhia barcos doados por clubes coirmãos.

Os jovens invadiram sua nova sede, na ilha, como quem transpassa o real e consegue entrar no imaginário. Tal como o conjunto liderado por Diana Ross, em o Mágico de Oz, na versão **black** do sucesso do cinema.

O prédio – Paulo descobriu logo em seguida, em papéis velhos, exemplares antigos da Revista do Globo e de O Cruzeiro – pertencera ao Sindicato Condor, e era, nada menos do que a estação de passageiros do aeroporto dessa companhia de aviação, uma subsidiária da Lufthansa que se transformou, nos anos da 2ª. Grande Guerra, nos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul. No local pousaram, num passado que já ficava remoto, os imponentes hidroaviões, pioneiros nas rotas aéreas.

Em meio às comemorações uma quase tragédia. Um dos afoitos moços adentrou o Rio Guaíba até onde não devia. Salvo, foi posto na praia quase morto. Um dos tios presentes, em tempos quando nem se falava em respiração boca-a-boca, ou outras técnicas contra afogamentos, partiu para o apelo, sob forma de rito ancestral, para que lemanjá salvasse o desfalecido. Cercados, afogado e pai-de-santo, por um cordão de perplexos, curiosos e, é claro, assustados assistentes, todos viram o trabalho sincero e compenetrado do babalorixá.

O afogado voltou para casa com vida, ao fim da excursão, mas os trabalhos místicos do tio serviram para alimentar, por anos a fio, intenso debate. Discutiram se direito ele tinha de fazer uma cena de candomblé, em público, não respeitando católicos praticantes presentes, e membros da diretoria não consultados.

O debate trazia à tona reação que não era exclusiva dos negros brasileiros. Recordou, trabalho de J.S. Pobee, professor da Universidade de

Gana, numa monografia onde examina a atitude das igrejas de origem européia face à tradição religiosa africana. Enfocou, o professor, o instituto da libação. Prática ancestral, na qual, antes de ser ingerida uma bebida, pequena porção é lançada ao chão.

Paulo recordou o exemplo, quase literalmente: ao tempo da independência de Gana, em 1957, haveria uma cerimônia no Ambassador Hotel, o melhor da capital, quando seriam recepcionados os duques de Kent, os quais representavam a Rainha da Inglaterra. Uma das questões em debate foi se haveria ou não libação.

O Conselho das Igrejas Cristãs do país lançou um manifesto comunicando sua ausência à recepção, por serem informados de que haveria libação, o que consideravam como ato de idolatria. O presidente do país, Dr. Francis Kwame Nkrumah, contudo, declarou que aquilo fazia parte da personalidade africana e que, portanto, haveria libação. E os nobres ingleses viram cair, próximo a seus pés, muitas gotas de bebida, no tradicional rito africano. A discussão foi muito longe, e é, ainda hoje, objeto de registro histórico.

Desceram a colina com olhos pregados nos canhões que uma das muitas guerras havia plantado, violentando aquela ilha de paz, cenário, porém, de outra tragédia da humanidade, a escravidão.

Passaram pelo museu do IFAN e não faltou um charmoso senegalês, exímio no português, para contar aos visitantes a história feliz de uma Gorée por onde passaram estadistas maiores da África do oeste. Para falar de sua escola do Alcorão, para crianças que se iniciam nos caminhos de Alá; de sua condição de centro intelectual da outrora capital da África Ocidental Francesa. Mas o mesmo e encantador guia não precisou carregar nas tintas para deixar bem claro o horror que foi Gorée para milhões de negros que passaram por aquele entreposto de seres humanos, arrancados de suas famílias, por guerras

tribais, corrupção de potentados, ou, simplesmente, pela ação de traficantes.

Carlos, sensível na sua estrutura de músico, místico, poeta e, como Paulo, da mesma forma emotivo, desabaram emocionalmente, no final da caminhada, que culminava com a porta do caminho sem volta. Do escuro de celas úmidas, sem luz e com apenas algumas traves para entrada de ar, onde permaneceram instantes, caminharam por um longo corredor, em busca da única luz, de um pequeno quadrado, lá ao fundo. Guiando os passos na direção da claridade, o pequeno quadro foi crescendo, na medida em que deixava passar mais luz, para, ao fim, mostrar-se com uma porta. Em seguida havia um trapiche ao qual, no passado, os navios negreiros ancoravam, recolhendo sua carga humana.

Não, desta vez não teve parâmetros. Apenas leitura e imaginação apoiaram o que sua cabeça desenhava na caminhada, nas masmorras de Gorée. Por certo, seus avoengos teriam o referencial que lhe faltava. Ele não vira nada semelhante na sua terra distante, lá do outro lado daquela porta, ao sul, muito abaixo do equador.

Sequer escravos para o Brasil teriam sido armazenados em Gorée. Aquele fora o caminho natural dos navios que rumavam para a América do Norte e para as Índias Ocidentais. Os despachados para o Brasil tiveram como entreposto mais notável o da Costa da Mina, o Forte São Jorge da Mina, na atual república de Gana, e conhecido como Elmina Castle.

Fora uma jornada pesada.

No dia seguinte, após o encerramento das atividades na Feira, voltaram a reunir-se na casa do marabuto. O velho lá não estava, mas outras pessoas incorporaram-se ao grupo: Jeanot, o sobrinho de quem falara Tio Gege; Isabelle, irmã de Jeanot, estrela da seleção senegalesa de voleibol

feminino, com curso universitário em Paris; José Hugo, exilado da Guiné-Bissau, além dos brasileiros de antes, e outros africanos que, enquanto ficaram na reunião caseira, entravam, participavam de algum fragmento das conversas, e saíam.

Jovens, falavam muito, e sobre todos os assuntos, não tendo pares fixos para a troca de impressões, nem tampouco platéia total. A sala da casa, onde estavam desta feita, tinha marcante aspecto africano, pois feita para receber muitos parentes e amigos, permanentemente. Conjuntos estofados; muitas cadeiras e aparadores onde estavam copos com cerveja, água mineral, algum suco de frutas; amendoins em profusão e azeitonas.

– Vocês têm lá no Brasil, oh Paulo, aquela imagem que os europeus, na sua maioria, têm de nós, africanos? Perguntou José Hugo, o exilado, a Paulo, ao lado de quem estava.

– Depende, armou-se, presentindo que a pergunta se prestava a uma resposta fácil de ser mal interpretada. E devolveu:

– Qual a imagem que os europeus têm dos africanos?

– Pois – iniciou, tal qual um dos lusitanos que odiava –, trata-se de uma imagem que se restringe a um'África de safáris, de elefantes, leões, florestas imensas e rios cheios de crocodilos; pigmeus e canibais. Eles juntaram a isto a sua incapacidade de habitar num ambiente cheio de luz, cor e calor. E por que não o dizer: de doenças como o impaludismo.

– A costa oeste da África recebeu, durante muitos séculos – prosseguiu José Hugo –, o título de **White men's grave**, A Sepultura dos Brancos, tal a mortandade em função da malária, que os liquidava como moscas.

– Assim – continuou –, na lógica do europeu, o africano, nativo desse

meio, para ele hostil, era a imagem do elemento bárbaro, do ser inferior.

– Zé Hugo – disse Paulo, após aguardar a pausa que indicou que ele concluiu seu pensamento – nós, como país, somos ex-colônia e, como Bissau, do mesmo modo, portuguesa. É claro que eu, como brasileiro, estou há quase dois séculos do momento em que vives.

– Tu estás em plena luta para te livrar do jugo colonial. És um refugiado. Escapaste da morte e tiveste a vida preservada, protegida, graças a um Senegal já independente, que mantém as portas abertas para vocês. De outra parte, como brasileiro, estou longe de vivenciar a lógica do colonizador por ti referida, porque este já deixou de assim ser há muito. Mas, como parte da minoria negra brasileira, experimento a mesma lógica que abominas, no comportamento de algumas instituições do país. Vêm-nos, ainda, como egressos da senzala, de certo modo a África que tu descreveste, portanto inferiores, inaptos para certas tarefas.

– De certa forma, esta nossa presença aqui, mostra algo. Estamos servindo a um determinado propósito. Alguns de nós saberão tirar vantagem dessa brecha, desse espaço aberto. Se a Feira fosse em Lisboa, Roma ou Londres outros seriam os jovens presentes, você pode crer nisto, Zé.

– Por outro lado, continuou, temos alguma vantagem, devo declinar; pelo menos não precisamos ir às armas para conquistar nossos objetivos. Todavia, como agravante, enquanto vocês têm um inimigo definido, visível, nós não o temos. Ele se esconde sob mil faces, da mentira à hipocrisia.

Poderia continuar discorrendo, é loquaz, e o assunto vinha ao encontro de sua curiosidade. Poderia derramar suas idéias, e beber informações diretamente na fonte, não através de livros ou conversas com amigos. Porém parou. E Isabelle, que não falara até então, iniciou, com um

tom quase professoral, embora tímido e baixo, sua participação:

– O colonizador foi educado a partir de padrões de uma civilização tecnológica, onde a natureza é analisada em três dimensões, vendo os fenômenos apenas em seus aspectos objetivos, conforme e a teoria mecanicista de Demócrito; com uma concepção do universo moldada a princípios cartesianos, e também aos de Aristóteles. Não estava, assim, o colonizador, preparado espiritual, psicológica e intelectualmente, para penetrar no conteúdo filosófico da cultura africana, de raízes milenares.

Isabelle parou um pouco. Olhando em volta, naquele momento, poder-se-ia notar que a sala de estar tornara-se um auditório. Os grupinhos calaram-se e todos ouviam a exposição da moca. Ela continuou:

– Educado dentro dos métodos dedutivo e indutivo, conforme a lógica do pensamento ocidental, onde o real é tudo aquilo que toca aos sentidos já consagrados, não poderia ele conhecer a filosofia africana sem que se identificasse à própria essência das coisas que condicionam a vida africana. O africano é dotado de faculdades transcendentais, ainda estranhas, que lhe permitem jogar com as forças sutis da natureza. Sua sensibilidade, aprimorada na convivência diária com a natureza exuberante do continente, faz com que ele procure se harmonizar, complementar-se à mesma natureza em lugar de querer subjugar-la, à maneira ocidental. Nasce do íntimo do africano uma nova dimensão que é o sentimento, sublinhou Isabelle, o qual está verdadeiramente vinculado à instituição. O africano sente, pois, o subjetivo transcendendo o objeto; a substância excedendo a matéria e o espírito superando a forma. Não é preciso tocar para sentir; não é necessário ver para crer. E ao conceber o universo com outras dimensões, a essência das coisas passa a representar sua própria realidade, definida pela intuição.

Isabelle parou, enfim. Todos ficaram quietos.

José Hugo apressou-se em dizer mais:

– O despertar da África trouxe à sociedade humana moderna novos valores culturais e espirituais, que estão a exigir uma reformulação dos conceitos de civilização moderna. O pensamento, as artes, a filosofia, os costumes, as tradições, a mística, a vitalidade que a nossa África oferece ao mundo ocidental, são um testemunho eloqüente da existência dos valores de uma civilização africana que não só aceitou o desafio da civilização ocidental como na verdade está respondendo a ele positivamente através do pensamento de africanidade, da filosofia da Negritude, do tomar consciência de suas realidades e potencialidades.

Era, agora, como se fosse uma corrida de bastão. Isabelle passou-o para José Hugo:

– E a Europa, sobretudo, procura com toda ansiedade conhecer as origens e as razões desta reação africana, como se houvesse uma inspiração para revitalização de suas próprias forças, de sua fé nos valores espirituais do homem, tão profunda e duramente agredidos no mundo ocidental. A influência africana na Europa é hoje um fato incontestável. Como o é nas Américas, onde pode ser, todavia, diversa, conceitualmente. Na Europa a influência provém de um povo africano saído do colonialismo. Nas Américas, entretanto, a influência vêm de africanos que foram escravos.

Embevecido face à eloqüência dos dois, Paulo arriscou a pergunta sobre que caminhos eles anteviam para a África, que ia aos poucos se vendo liberada do jugo colonial. Especialmente o país de José Hugo, a Guiné-Bissau e o Cabo Verde que, solidariamente, têm lutado contra os portugueses.

José Hugo iniciou:

– Razões sociológicas, fatores condicionantes históricos e religiosos, importantes parâmetros da psicologia do africano, conduziram líderes do continente a um caminho que levaria a África a renascer, politicamente, em si mesma, através da tese do Socialismo Africano. E a escolha desse caminho se tornou natural e espontânea, tendo em vista que a vida em comunidade, onde todos partilham de tarefas comuns e o respeito ancestral é uma norma milenar na vida africana. Não é assim Isabelle?

– Sim, e mais: o animismo e a mística religiosa de nossa gente, identificando-nos com a natureza, entraram como fatores suficientemente ponderáveis para que o Socialismo Africano tomasse diferentes matizes, variando sua concepção de nação para nação.

Jorge, outro dos jovens presentes, dos até então quietos, ele natural da ilha de São Vicente, Cabo Verde, mulato claro como Carlos, com cabelo ondulado, perguntou, com seu sotaque lusitano, um tanto mais leve, mais próximo do acento brasileiro:

– Nós bem o sabemos, há um quê de desconfiança entre os líderes emergentes desta nova África. Aqui mesmo, há certo desconforto quanto à unidade da Guiné com o Cabo Verde, no pós independência que se avizinha e que já se discute em nossas terras. Há hoje, sem dúvidas, líderes africanos mais preocupados em consolidar posições pessoais do que da coletividade. Portanto, um ideal de socialismo aí soa um tanto precário.

– Verdadeiramente, disse Isabelle. Teremos muito que aprender. Teremos líderes que o tempo, por certo, transformará em tiranos. Outros permanecerão por toda a vida como governantes. Há todo um processo de amadurecimento à nossa frente. Somos hoje novos países, com lideranças novas, muitas das quais não estão preparadas para conduzir os destinos de

nossos povos, como fariam líderes experientes de antigos Estados europeus. Mas, aqui é África. O povo aqui é o nosso e não o deles. Portanto, a única maneira é seguir nosso destino. Cometer nossos erros, pagar por eles e, adiante, encontrar as soluções.

A noite já ia longe. Os jovens estavam satisfeitos. Mas, faltava apenas alguma coisa, comum quando se reúnem os moços. E a lacuna foi preenchida por José Hugo que começou a versejar estrofes que todos entenderam e começaram a acompanhá-lo. Jorge, que estava ao lado de Carlos, insinuou para que pegasse o violão. O que ele, seguindo os versos melodizados pela maioria dos presentes, fez com facilidade.

Cantaram todos:

*480 anos! 480 anos se passaram,  
A nossa civilização nos negaram,  
Nossa música nos proibiram,  
Vinho e prisão nos deram,  
E toda a riqueza nos usurparam.*

*480 anos se passaram,  
Fome, escravidão, tortura e chicote  
Sentimos, conhecemos e sofremos,  
Chorando, lutando e gritando.  
480 anos se passaram,*

*Pata em cima nos puseram,  
Sempre embaixo nos colocaram,  
E desumanamente nos trataram.  
480 anos se passaram.*

*Agora nova mácula nos querem por.  
Na mesa deles nos desejam ver,  
Para assim, com eles conviver.  
Mas todo, todo o passado esquecer!*

A música, de Virgílio Massingue, de Moçambique, era um lamento. Os acordes do violão, que logo em seguida se encaixaram no contexto, faziam-na mais pungente. Mas, como a musicalidade era intrínseca a todos os presentes, quem de fora olhasse e não entendesse as palavras, constataria o fato real: aquele era um momento de confraternização.

Iam todos levantar-se, quando outro dos calados, Fernando, outro angolano exilado, disse que gostaria de recitar um poema de Bonga, amado cantor de Luanda e da gente africana de fala portuguesa. Os que estavam de pé sentaram-se novamente e Fernando, com o violão de Carlos, dedilhou acordes marcantes, tristes, que apoiaram seus versos:

*Caminhos de África;  
Povo de África, levanta.  
'Cordá desse sono d'inferno.  
Levanta! jo ve vos' destino;  
Jo ve caminho certo.  
Caminho de nos'destino:  
Caminho de África.  
Camarada, luminar pro mundo.  
Luminal pel sair d'escuro;  
Pel bem de junta com irmão Negro;  
Prá nós tomá conta de nos'África.  
Nova vida...  
Já nós tomá conta de nos'vida.  
Pra não vem mandá nos'cabeça.  
Rosolve problema de nos'terra.  
A liberdade e harmonía de nos'povo.  
Gente de fora já vá' 'mbora.  
Gente de nós já volta prá terra  
Prá nós bem de junta' nos'força  
Prá nós bem construir nova vida...*

---

## 5

Despediram-se, esfuziantes, uns dos outros, no encontro de uma mesma língua. Era a comunhão do português com nuances diversas. Paulo pode sentir, em cada frase, dos alternados faladores, pontos comuns, entre cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos e guineenses, de repúdio ao período colonial, oriundo de uma matriz comum: Portugal. A presença de brasileiros era recoberta de simpatia, posto que viam nos sul-americanos igualmente vítimas de um sistema colonial.

A noite fora memorável para todos, mas, sobretudo para Paulo, que esperava muito de sua viagem à África, mas não a torrente de fatos, recordações e emoções que se repetiam diariamente.

O pavilhão brasileiro na Feira abrigava uma variedade ampla de expositores, como diversas empresas fabricantes de sapatos de mulher, todas do Vale do Rio dos Sinos, patrocinadas pela Fenac - Feira Nacional do Calçado. A Secretaria da Indústria e Comércio, do Rio Grande do Sul, cujo secretário era Edson Batista Chaves enviara um programa audiovisual, que atraía permanentemente a atenção de empresários africanos. O maior contingente, entretanto, era de São Paulo, naturalmente. E todos motivados pelo entusiasmo de Adalberto Camargo, misto de presidente da Câmara de Comércio Afro-brasileira e deputado federal.

Uma das tarefas dos supervisores brasileiros, era conversar, comumente com o auxílio das recepcionistas, com comerciantes africanos, interessados nos produtos em exposição.

---

Num fim de jornada, Ordete, uma das atendentes, apresentou aos presentes no estande a um homem de imagem intrigante. Abou Mussa, magro como um poste; como este, também alto; escuro, ainda, como muitos o são. Tinha não menos do que dois metros de estatura. Compunham sua figura, ainda, um longo cavanhaque, como Dom Quixote, e um esguio fez. Tinha-se, somado ao chinelo branco, pontiagudo, levemente menor do que seu pé, com um saltinho, uma personalidade de 2,30 m, de altura, no mínimo.

Com fala macia, se deu a conhecer como professor de história e **commerçant**. Tinha interesse em exportar para o Brasil goma-arábica, que era seu principal produto. Recolhia a goma em diversas pequenas fábricas espalhadas pelo país, e tinha condições, insistia, de exportar em grandes quantidades, com qualidade uniforme. Era um negócio da família que ele desempenhava como vendedor. Somava a isto seu emprego como professor do liceu de Kayes.

Abou conversou bastante com Ronaldo, já que à experiência de **trader**, este somava a capacidade de falar a língua oficial do maliense. Cada um dos estandes tinha um pequeno escritório, longe das vistas do público visitante, onde convidados eram recepcionados, quase sempre com um cafezinho; algumas vezes com guaraná; raramente com uísque ou cerveja. Em casos muito especiais o presente era uma lata de feijoada brasileira, para africanos amigos de Ronaldo, iniciados já nessa especialidade nacional.

Abou quis provar o café brasileiro, que, quente, sorveu com visível prazer, em pequenos goles, entremeados por informações que queria passar sobre o negócio da goma-arábica.

Ronaldo foi desviando o assunto, sem ofender ao comerciante, para sua outra face, sem saber que disto é que, com vigor, gostava. Levou-o, para

início, a informar sua discordância da Federação do Mali, experiência que durou um ano, entre 1959 e 1960 e que pôs juntos seu país e o Senegal, sob a presidência de Léopold Senghor. Fez um discurso sobre as incompatibilidades históricas entre os diversos povos, suas nações, que compunham os dois Estados federados.

Abou enveredou por caminhos históricos, para contar algo a respeito da cidade onde nasceu, Timbuctu. Narrou, num francês pausado, que tornava fácil para Ordete traduzi-lo para o português, ajudando assim a Paulo, sentando um pouco afastado de onde Ronaldo e Abou Mussa conversavam.

Timbuctu não era a capital do seu país, hoje conhecido como Mali. A capital é Bamaco. Fora, entretanto, a cidade mais importante daquela região, durante um largo período do século XIII. Os governantes imprimiram um ritmo de paz ao Império de Songhai, do qual Timbuctu era a capital. Com isto o ensino superior ganhou memorável impulso. Professores e sábios do Alcorão movimentavam-se com facilidade e apoio governamental. A educação universitária era ministrada na Mesquita de Sankore. Contemporânea das universidades de Paris e Oxford, conseguiu atrair estudantes de muito lugares, formando expressivo e respeitável contingente de historiadores, juristas e teólogos.

Naquele instante professor, Abou Mussa completou sua informação sobre a importância de sua cidade capital do Império Songhai citando dois eminentes historiadores, Mahmoud Kati e Adberahman As-Sadi, cujos livros de história, *Tarikh a-Fattash* e *Tarikh as-Sudan*, ainda existem e narram com detalhes fatos da história do Império Songhai.

Perguntou com falsa modéstia, intimamente desejando terminar sua aula, se Ronaldo gostaria de saber o que registrou, entre outras coisas, o

mestre Kati. Ante a resposta afirmativa, que veio com um atraso de segundos, da parte de Ordete, que traduziu o sim espontâneo de Paulo, Mussa foi dizendo:

– Nada parecido com Tombutu ao tempo do reinado de Muhamad Askia. Sobressaia-se, da província do Mali aos limites extremos da região do Magrebe, pela solidez de suas instituições, liberdades políticas, integridade moral, segurança das pessoas, consideração e amor aos estrangeiros. Admirável, ainda, a cortesia existente entre professores e estudantes, e a assistência financeira que era provida ao próximo. Os sábios deste período eram muito respeitados entre os crentes, por sua generosidade, força de caráter e discrição.

O professor Mussa, que tem uma casa em Dakar, convidou seus novos ouvintes para visitá-lo e conhecer um velho amigo, morador da mesma casa, um **griot**.

– Se vocês querem experimentar algo marcante da cultura africana, venham almoçar comigo no domingo. Vocês vão ouvir a narrativa viva, sem livros, da história de um povo guerreiro africano.

– Vou aguardar por vocês, disse ainda o gigante, já de pé, olhando por sobre as divisórias. É casa africana, é só aparecer. Se não vierem vou entender que tiveram dificuldades. Se chegarem, a comida vai estar lá.

Mussa saiu como chegara. Olhando em volta e sumindo, na corrente de curiosos que se movimentam em feiras de exposição.

O turbilhão de eventos fizera com que esquecesse Miúda, ou Khoadia, na viela ao lado do hotel. Tomara seu banho matinal. Aguardava, pois, que Carlos terminasse o seu. Aliás, o chuveiro não o incomodara, pois o ignorara solenemente: Carlos tomava banho de imersão na banheira.



Sairiam juntos, a seguir, para tomar o café com leite, no bar do hotel.

Distraidamente, dando o nó na gravata, foi até a janela. Lá estava ela, como antes, já com seus tabuleiros, com seus ingredientes e pronta para fazer funcionar sua modesta fábrica de doces. Saiu da janela e ajeitou, ao espelho, o laço. Apanhou uns papéis e voltou, empurrado pela curiosidade, novamente, à janela.

Ela, sem dúvidas, iria fazer uma ambrosia!

Miúda, cujo nome era Maria, tinha uma irmã que ele sempre conheceu como tia Ambrosina. Mas, seria seu nome este mesmo, ou seria Ambrósia. A verdade é que sua imaginação sempre ligou aquela senhora – casada e cheia de filhos, portanto, com a responsabilidade de educá-los, ser enérgica, distribuir palmadas e tudo mais; oposto da irmã, a sempre afável, solteirona e maternal Miúda – a um doce de ambrosia.

E o odor que subia da rua até a janela de seu quarto era, inquestionavelmente, aquele do outro lado do oceano, da fervura do leite, junto com ovos, açúcar, cravo, canela e pedaços de uma casca de cítrico. Maria, às vezes, colocava casaca de laranja: e lá estava, na ambrosia, aquele gostinho peculiar. Outras vezes era a de limão: o sabor se fazia mais ácido, mas maravilhoso. E o de bergamota? Sua boca encheu-se de saliva e suas narinas aspiraram, com grande prazer, cada uma das ambrosias de Miúda.

Pensou em conversar com a doceira da viela, mas desistiu ao pensar que não iria muito longe com o que sabia de francês. No domingo, vespera da volta, tomou a decisão de, segunda feira, procurá-la junto com Ordete para, quem sabe, falar algo sobre seus doces, sua vida.

Convidou Carlos para juntar-se a ele e a Ronaldo, na visita ao professor Mussa. Na rotina daquele dia, ficariam na casa de Olga até o meio

dia, quando se deslocariam para a casa do professor. Lá almoçariam e, no meio da tarde, iriam para a última noite na Feira. Segunda-feira haveria de se instaurar o processo da volta e, já a saudade, na medida em que fatos e eventos eram lembrados, começava a dar o ar de sua graça.

Novos amigos estavam, na manhã cheia de vida, daquele já início de dezembro no Senegal, na casa dos Rosa. Outra Maria, dona Maria – viúva do guerrilheiro João Rosa, líder de movimento, camarada de Amílcar Cabral, mortos pela PIDE, a tristemente famosa Polícia Internacional e de Defesa do Estado, do sistema português de repressão salazarista –, era toda gentileza para o bando de jovens, que ali se aglomerava.

João dos Santos, um outro velho amigo da família, cuidava num cepo, nos fundos da casa, da carneação de um porco. Isidora, irmã de dona Maria, se envolvia, na cozinha ampla, de volumosas panelas, onde ferviam alimentos que iriam saciar o apetite de muitos dos presentes, que com os Rosa almoçariam.

Carlos, que estivera na casa dos Rosa, nos dias de semana, por mais de uma vez, estranhou que amigos e parentes, sempre próximo ao meio dia, começavam a aparecer. Faziam medidas, conversavam coisas triviais e, lá estavam, uns, sentados à mesa com a família. Outros recebiam pratos e comiam no quintal; na cozinha. Via-se, sem dúvidas, uma intensa distribuição da renda amealhada por Olga, Isabelle, Ordete, João, o Jeanot, sob forma de alimento e convívio social para parentes, contraparentes amigos e, achava Carlos, oportunistas outrossim. Mas, era a África; não cabiam, pois, comparações com hábitos e costumes brasileiros da atualidade.

No casebre de Ambrosina, a singela renda, das trouxas de roupa, carregadas com arte e graça na cabeça de Miúda, igualmente se prestava para

ofertar, sempre, algo para uma visita. Para que não saísse falando mal. O que muitas vezes ocorria, apesar da atenção: coisas da natureza humana, como dizia, com resignação, Olga, a mãe de Paulo.

Passaram por sua mente duas coisas que recordara naquele instante: Miúda carregando, na cabeça, sua trouxa de roupa. Era um pano branco, extremamente alvo, em tempos anteriores aos modernos detergentes, que encobriam camisas engomadas; cuecas que hoje os jovens as chamariam de samba-canção; camisetas e pijamas. Miúda movia-se exatamente como, ele via agora, centenas, milhares de mulheres o faziam, carregando, na cabeça, tudo o que se podia imaginar, desde moringas com água, fardos de lenha, bacias com frutas, vegetais ou comida pronta.

Também passou-lhe pela cabeça a séria preocupação, em sua família, como na dos Rosa, de que falassem mal de si. Abriam-se as portas; dividia-se a comida, em grande parte para evitar a pecha de egoísta e orgulhoso.

Dakar era uma cidade com características provincianas e as pessoas com algum destaque, em certo ramo de atividade, eram muito conhecidas. Assim, não foi surpresa para Isabelle saber que o **griot** que eles estavam por visitar era Mohamed Al-Duk.

– Vocês vão ter uma grata experiência, avisou Isabelle, ouvindo histórias narradas por Al-Duk. O homem nasceu dentro de uma linhagem de **griots** e, como seu pai, seu avô e outros que o antecederam, foram trazendo até nossos dias a glória de importantes impérios que se formaram no "Bilad as-Sudan".

– No que? perguntou Paulo.

Explicou Isabelle:

– "Bilad as-Sudan", quer dizer a Terra dos Negros, no jargão árabe.

– Que impérios? arriscou ainda.

– O de Ghana, por exemplo.

– Lá ao sul, no Golfo da Guiné?

– Nao. lá está o Gana, de Nkrumah. Você sabe, aquela região foi batizada de Costa dos Escravos, onde se podia encontrar, entre outros Estados, a Costa do Ouro, cujo território é hoje o Gana. Seu primeiro presidente, Francis Kwame Nkrumah, resolveu trocar o nome colonial por um que homenageava um dos mais prósperos, ricos e importantes impérios africanos já conhecidos: Ghana.

– Tentem mentalizar o mapa do norte da África. Pois, da embocadura dos rios Senegal e Gâmbia, para leste. Do Lago Chade e do Rio Nilo, para oeste. Do Saara para o cinturão florestal ao sul. Este o espaço geográfico onde surgiu, se desenvolveu e desapareceu, num ciclo completo da História, o Império de Ghana.

A professora Isabelle conhecia a matéria, mas seus novos alunos, brasileiros, estavam sendo apanhados de chofre. Se alguém lhes pedisse, "imaginem o mapa da América do Sul, e façam um retângulo tendo como pontos de encontro Iquitos, no Peru. A confluência do Tapajós com o Amazonas. Ainda, a Serra do Cachimbo, próximo da nascente do Tapajós. Por último, o Rio Madeira, nas cercanias de Porto Velho", já seria um exagero.

Mas, Paulo foi memorizando, como pode, os dados geográficos do norte da África. Voltaria a olhar o mapa, com curiosa atenção, na parede do pequeno escritório da Feira, no fim da tarde, após outras coisas que aprendeu com Abou Mussa.

Isabelle, aceitando o silêncio como entendimento, continuou:

– Existem estudos que garantem, a aproximadamente quatro mil anos, as condições de vida na savana eram mais favoráveis ao ser humano do que na floresta, das zonas ao sul. Assim, aquela região, que os árabes batizaram como Bilad as-Sudan, presenciou o desenvolvimento de um grande número de povos. Uns surgiram, e sumiram; outros foram capazes de crescer, mas não deixaram maiores vestígios. Porém, houve os que deixaram marcas indeléveis, até mesmo com registros históricos, consubstanciados em livros, ou nas narrativas de seus **griots**, ou dos acadêmicos árabes que por ali passaram, ou que experimentaram o convívio com algumas dessas civilizações.

– Os primeiros povos viveram algo que nossa civilização apenas teoriza: o processo de desertificação da região do Saara. E isto os foi impelindo mais para o sul. Na curva do rio Níger, despontaram as primeiras formas conhecidas de agricultura na África, bem como as primeiras experiências com o ferro.

– Outro fator importante, prosseguiu Isabelle, foi o crescente movimento de caravanas através do Saara. Sem muita importância era o comércio, num período que historiadores fixam entre 2.000 e 3.000 antes de Cristo. Mas foi o início do intercâmbio, que empregou o camelo como meio de transporte, já nos primeiros anos do pós Cristo, que ensejou a formação de uma complexa rede de caminhos através das areias do deserto.

Como na noite em que conheceram Isabelle, ela tomara conta da cena. Hoje ela mantivera-se de pé, durante todo o tempo. Alta, com mais de 1,75 m, vestia um longo bubu. Da raça dos Peul, cuja nação vive na fronteira artificial construída pelos colonizadores, na região de Casamance, sul do Senegal e norte da Guiné-Bissau, Isabelle era profundamente negra, de olhos

gráudos, claros e cheios de vida. Seu cabelo, naquele domingo, mostrava-se como uma obra de arte, na seqüência de pequenas tranças, delicadamente tecidas, numa formação que, anos adiante, viria a encantar, primeiro as jovens negras brasileiras. Depois, mesmo loiras gaúchas, netas de imigrantes alemães. E muitas outras mulheres, de todos os tipos.

Pois estava Isabelle, naquele momento, com uma vontade imensa de transferir, especialmente para os brasileiros, coisas de sua cultura, do que, genuinamente, sentia orgulho. Aliás, até mesmo para seu nome francês, ela filha de pais que falavam português, tinha coerente explicação. João, seu pai, guerrilheiro da luta pela independência de seu país, a Guiné-Bissau, colocara a salvo, em Dakar, a família. Os mais jovens, como Isabelle, Ordete e Jeanot, um diminutivo francês para Jean, nasceram e tinham sido educados em Dakar. Ela integrava, mesmo, a seleção nacional do Senegal. Seu nome pegou como Isabelle. Foi, mesmo, registrada como tal. Em casa, entre amigos da Guiné, e, já entre os brasileiros, todos a chamavam de Isabel.

– Como vocês podem ver, um povo postou-se entre os árabes do norte da África e do Oriente Médio, e os negros da região da floresta, ao sul. Este povo foi capaz de, por séculos, intermediar um próspero negócio que envolvia a troca de mercadorias tais como vidros, pérolas, livros árabes, quinquilharias em geral, por ouro, marfim e escravos, estes capturados, já então, como nos anos que viriam da tragédia afro-americana do tráfico. Os povos do Sudan, ou seja, os do cinturão da savana, prosperaram. Com sua prosperidade deu-se a formação de reinados. Vou dar uns nomes que sei, vai ser difícil de gravar, mas se tiverem algum interesse posso ajudá-los com bons livros de referência.

– Bom, prosseguiu Isabelle, apareceram os Sonike ou Sarakole, a

oeste; os Kanembu, a leste. Pois daí surgiram os dois primeiros Estados sudaneses: Ghana e Kanem. Ghana teria surgido em torno a 500 DC, atingindo seu ápice em torno ao século XI.

– Ghana, similarmente à moderna Gana, teve como ponto alto sua notória capacidade em produzir e possuir ouro. Neste ponto há unanimidade entre os historiadores árabes que por lá passaram ou a ele se referiram. Al-Fazari, não historiador, mas astrônomo, refere-se, em livro escrito em 772, à "Terra do Ouro". Houve muito exagero, naturalmente, e um deles está contido num relato de Al-Hamandhani, que garante haver sido Ghana um lugar onde o ouro nascia como vegetais e era colhido ao entardecer...

Os ouvintes riram. Trocaram algumas piadas sobre visitar Ghana e arranjar algum pó de ouro.

– É verdade riu também Isabelle, para acrescentar: Diziam esses relatos que para o rei, um dos mais ricos do mundo, interessavam apenas as pepitas. O pó era deixado para o povo.

Al-Idrisi, um desses historiadores, narra fato curioso: o rei teria uma pepita de mais de dez quilos, com um furo no meio. O furo servia para atar o arreio de seu cavalo.

Neste instante, Paulo sentiu vontade de fazer uma pergunta. Pensou um pouco, se não se mostraria preciosista, chato. Concluiu que não, e perguntou a Isabelle:

– Tens falado o tempo todo em impérios. Acho que o governante seria um imperador, não um rei...

Paciente, sem se perturbar ela ensinou:

– Apenas por convenção, Paulo, a palavra "império" é usada para designar um aglomerado de etnias, cultural e lingüisticamente diversificadas,

compulsoriamente reunidas sob a égide de uma monarquia centralizada, que pode ser um rei. E esta é uma definição técnica de um historiador moçambicano, professor A. Rita-Ferreira.

Houve sorrisos simpáticos pela sala. No mesmo tom, prosseguiu Isabelle:

– Lucrativo, ainda, era o negócio do sal. Inexistindo tanto no Sudan quanto na floresta, era trocado, no Ghana, por ouro, na mesma medida. A engenharia comercial dos homens de Ghana deve ser destacada, pois, nem produziam ouro, que vinha de uma região chamada de Wangara, nem mineravam o sal, que vinha de Tanghaza, no Saara. Juntavam os produtores de ouro, do Sul, com os mercadores vindos do Norte, trazendo sal. Tinham, narra Al-Idrisi, uma fantástica rede comercial, para aquela época.

– Já está quase na hora de vocês irem ao encontro do Al Duk. Querem ouvir mais um pouco, ou chega?

Paulo falou por si mesmo, pois não consultou nem mesmo Carlos:  
– Sim, continua.

– Tunka Manin era o rei de Ghana em torno a 1067. Investido de muita autoridade, comandava um Estado, no moderno sentido desta palavra: havia um povo, um território e um governo e, ainda, era internacionalmente reconhecido. O rei era assistido por um conselho de ministros. O reconhecimento internacional se dava, especialmente, no mundo árabe. O sistema judiciário se baseava no próprio rei que, diariamente, saía às ruas para administrar justiça a seus súditos.

– E uma curiosidade, prosseguiu professoral, era a prova da inocência: o acusado de débito que negasse a dívida era submetido a um teste no qual um pequeno depósito de madeira fazia purgar em sua boca um líquido

amargo. Se vomitasse, era considerado como inocente. Se o líquido permanecesse em seu estômago, consideravam-no culpado.

– Outra singularidade daquele reino era, pois: na impossibilidade de manter governantes em cada uma das nações conquistadas, o rei de Ghana garantia ao rei derrotado o direito de continuar governando. Porém, um de seus filhos teria de ser enviado para a capital. Al-Bakri, outro historiador, descreve que o rei, nas reuniões, além de cercar-se de seus ministros, era rodeado por um grande número de jovens, filhos dos reis de países vassallos, os quais, bem vestidos, tinham seus cabelos emplastados com pó de ouro.

– Esse poderoso Estado, se necessário, poderia chamar às armas, sem maiores dificuldades, cerca de 200 mil homens, sendo que destes, 40 mil eram arqueiros. Mas, como fazer face a tremendo custo? Perguntou Isabelle, para responder ela mesma: – O sempre atual recurso dos governantes, o imposto. Para cada jumento carregado com sal importado, o rei retirava um dinar em ouro. Para cada jumento que saía com produto exportado, a taxa subia para 2 dinares. Considerando-se o volume de caravanas, no auge do império, a receita era elevada.

– Nkrumah, esclareceu Isabelle, não foi um fantasioso líder, afastado da realidade, quando mudou de Costa do Ouro para Gana, o nome de seu país. Em verdade, o mais importante conjunto étnico é o Akan. Muito da cultura, da estrutura do Império de Ghana se encontra, ainda hoje, entre os akans: o sistema matrilinear de sucessão real, por exemplo. O funeral dos reis e a maneira como praticavam sua religião, tudo lembra o Império de Ghana, como o descreveram sábios árabes.

– Bom, Isabel, não quero apressar tua história, mas como ocorreu o último ciclo de Ghana, a morte? Indagou Paulo.

– Estudiosos garantem que as causas principais assentaram-se sobre a forma como o Império encontrava-se organizado. Não haviam unidade política, mas sim uma miríada de reis; nem étnica, com grande diversidade de povos; tampouco cultural, face a pluralidade de origens. Faltou aos governantes de Ghana a capacidade de juntar todas as unidades que foram conquistando e formar uma nação-estado. Povos tão diferentes quanto Sonike, Susu, Serer, Bárbaros e Tucolor, cada um com suas raízes culturais próprias; seus idiomas. Nações de certa importância, na época, conquistadas, como os Tekrur, Silla, Diara e Kaniaga, foram abandonados ao seu próprio governo. Eram lembrados para o pagamento de impostos e o fornecimento de homens para o exército, nas guerras de sempre. Um modelo que a história da humanidade registra reiteradamente, por todo o planeta.

– Não foi difícil a queda e esfacelamento de Ghana, ante a presença crescente do islamismo, ou maometanismo, no Saara e regiões do Sudão Ocidental, bem como o desenvolvimento de outros dois poderosos reinos negros mais ao sul, os de Susu e Mali. Ainda, mais adiante, no processo constante em que Ghana era fustigado em várias frentes, principalmente nas unidades vassalvas mais fracas, apareceram os almorávidas, que atacaram Ghana de frente, numa guerra de conquista, que, por trinta anos, foi minando suas resistências, desorganizando a agricultura, a produção e, especialmente, o comércio com as caravanas. A presença dos almorávidas desequilibrou as forças na região, afetando todo o Saara Ocidental, o Marrocos, bem como a Península Ibérica. Um dos últimos registros a respeito, de Al-Idrisi, diz que, do Império, restou uma pequena cidade no deserto, quase sem água, com uma população pouco numerosa e um comércio muito fraco.

Já no carro, rumando através de intrincados caminhos de Dakar, que Ronaldo conhecia, como se fossem bairros do Rio de Janeiro ou São Paulo, ele recordou uma série de artigos que a revista Ebony, editada nos Estados Unidos, nos anos 60, publicara sob o título "Africa's Golden Past". Um trabalho de pesquisa histórica e plástica, dos professores William Leo Hansberry e E. Harper Johnson, que resultou num texto conciso e belas gravuras que narravam uma idade de ouro da África, mostrando guerreiros dos exércitos de Ghana, empunhando arcos e flexas, cavalgando majestosos corcéis, ou conduzindo lépidas bigas, em encarniçados combates contra os almorávidas. Lembrou, então, que os artigos de Ebony se inseriam no grande movimento da nacionalidade negra americana, tendo como expoentes de um lado Dr. Martin Luther King e de outro Malcom X, e que culminou com um conjunto de leis e decisões do Legislativo e Supremo Tribunal, sobre os Direitos Civis.

Na medida em que o carro se deslocava, fazendo entrar uma revigorante brisa, amainando o calor de meio dia, lembrou da lacuna de informações de fácil acesso sobre os negros que foram levados para o Brasil. Muitos deles guerreiros derrotados; mas guerreiros. Reis subjugados; mas reis. Rainhas e princesas vilipendiadas, estupidadas, humilhadas; mas damas em sua sociedade. Industriosos artesãos, já avançados no conhecimento de metais, como o ferro, e que viraram bestas de carga, no horror da escravidão. Aplicados professores; pesquisadores das coisas do espírito; mestres do Alcorão – todos reduzidos a carga, transportados nos infectos navios negreiros. Escravos, enfim, de ignorantes senhores portugueses e brasileiros.

Paulo pensou no Dr. Silva, amigo de seu pai. Um dos raros amigos

de seu pai. Não freqüentavam as casas, um do outro. Falavam-se raramente, mas foram, quando solteiros, bons companheiros. Tinham a mesma idade. O destino deu-lhes chances diversas; boas as duas, mas diferentes. Mulato, ao contrário de seu pai, mais escuro – ambos, obviamente negros –, Eugênio vinha de família mista. Teve, Dr. Silva, como pai natural a um famoso rábula. Conseguiu ingressar na instituição de André da Rocha, logrando, com grande sacrifício, o grau de advogado. Dr. Silva não era pedante. Ademais, coisa rara então, face à sua formação superior, e sua cor clara, cabelos ondulados e fios finos, tinha orgulho de ser negro. Não procurava impressionar as pessoas pelos seus notórios conhecimentos como, na Porto Alegre daquele tempo, um dos raríssimos advogados negros. Era, entretanto, um tipo que irradiava autoridade. As pessoas, conhecidos ou que com ele pela primeira vez tratavam, recebiam uma corrente positiva da simpatia que dele emanava, mas, ao mesmo tempo, eram tocadas pela clara manifestação do império de sua personalidade. Caminhara, algumas vezes, ao lado de seu pai e de Dr. Silva. Fazia bem, e ele não sabia definir exatamente porque, estar perto de Dr. Silva e de seu pai. Este, modesto funcionário público – o homem da chave de sua repartição –, irradiava, como seu amigo advogado, o mesmo grau de respeito, externado pelo mundo que o rodeava na repartição, com um tratamento deferente. Então, na evocação de Dr. Silva e de seu pai – aquele respeitado criminalista e gigante do Tribunal do Juri –, repensou no pavor que foi para homens como eles, respeitáveis integrantes de sua sociedade, com personalidades marcantes, líderes comumente, serem arrancados de suas famílias, postos em navios negreiros, levados para um mundo distante; seres com plena capacidade de julgar, com incomensurável horror, o que lhes fizeram.

Paulo iniciara sua vida profissional como estafeta em uma repartição pública, menino de 15 anos. Tinha como obrigações, além das de movimentar papéis, às de limpar o chão e os sanitários. Nunca encarou com qualquer prazer tais encargos, tanto que procurou dar dimensão mais ampla a seu futuro, exatamente pela inconformidade com o que fazia. E recorda muito bem a primeira vez em que teve de exercitar seu direito de escolha: uma funcionária mais graduada propôs-lhe, para o sábado, ir em sua casa e fazer uma faxina, em troca de algumas gravatas velhas de seu filho. Sua negativa foi amplamente comentada, distorcida, enfim aceita. Embora menino, deixou à mostra um tipo de personalidade que nunca agradou a muitos brancos verem nos negros.

Ele pensou em Zumbi e Ganga Zumba. Compreendeu – ainda outra vez, só que desta feita de forma pungente, na obviedade daquilo que o cotidiano daquela estada em Dakar lhe mostrava – a permanente revolta desses guerreiros ante a opressão dos portugueses e brancos dominadores, muitos, estúpidos e ignorantes seres humanos.

Fizeram breve parada para tirar fotos, enquanto conheciam, na despedida, a Grande Mesquita de Dakar. Como todos os crentes ou, simplesmente, visitantes, tiraram os sapatos, antes de penetrar no templo. Com o impacto da magnífica construção, souberam, no interior, que o edifício fora inspirado na arquitetura do Magrebe e inaugurado pelo Rei do Marrocos, Hassan II, em 1964.

A visita foi breve. Verdadeiramente, além da admiração genuína pela beleza do conjunto, Paulo, Ronaldo, Jeanot, católico, também, não se viram tocados por qualquer sentimento, como seguramente teria ocorrido com um muçulmano. Enquanto caminhavam em seu interior, foram vendo muitos

homens e meninos sentados sobre tapetes. Alguns rezavam outros conversavam. Naturalmente, não havia nenhuma mulher.

Chegaram à casa do **griot**. Abou Mussa recebeu os convidados já na porta. Os visitantes sorriram uns para os outros quando Mussa cruzou a porta de entrada da casa de seu amigo, curvando-se bastante para não bater a cabeça no marco.

Do alto de seus dois metros, Abou esmerara-se no vestir. O bubu era impecavelmente branco, simples, com pequenos apliques de renda num decote em V. Sapatos de bicos finos e longos, do mesmo jeito brancos. Na cabeça o fez vermelho de sempre.

Com Ronaldo e Jeanot, Mussa trocou salamaleques, com uma rápido esgrimar palavras em árabe, e movimentos de braço que lembraram o persiguir-se dos católicos.

---

## 7

**E**ntraram na casa, seguindo o gigante maliense, imaginando, divertidamente, que, novamente, Mussa iria curvar-se todo para passar onde os demais simplesmente ignoraram a existência de um marco superior.

O **griot**, que, sentado em almofadas espalhadas no chão, ouvia um tocador de balafo, ergueu-se prontamente. Caminhou ao encontro dos visitantes e foi estendendo a mão para receber os cumprimentos. A cerimônia de apresentação deu-se de forma demorada. Parecia que o **griot** queria incorporar a seu acervo de histórias, pessoas e coisas, o nome e o local de onde vinham aqueles que o visitavam naquele momento. Com Ronaldo, na facilidade que o falar francês assegurou, o encontro e troca de amabilidades, salamaleques e sorrisos, demonstrou que já eram conhecidos. Trocaram, mesmo, algumas poucas palavras em árabe e uma ladainha em francês, que Ronaldo explicaria mais adiante: – Ele perguntou pela família inteira; pelos cães; os gatos; as cabras; as galinhas; os vizinhos, todo um mundo que inexistia na vida de Ronaldo, mas que compunha a moldura dos encontros de velhos conhecidos, na tradição daqueles povos.

Em ato contínuo, o **griot** pediu licença para apresentar aos visitantes Nelson. Natural de Moçambique andou por muitos lugares da África, tendo feito uma parada em Bamaco, capital do Mali. Falava bem francês, fruto de andanças, especialmente por países francófonos. Nelson revelar-se-ia, logo adiante, bem falante, simpático, dispersivo; o **griot** o saudaria como desse tipo

---

de amigo que dura por toda a vida.

Todos sentaram-se nas almofadas espalhadas pelo chão. Tiveram a opção de beber um copo com água; um chá de ervas ou, lá também, uma bebida tipo cola. Não havia mulheres. E a música do balafo continuava sendo executada por um músico a repetir, constantemente, versos que, a ouvidos não acostumados com o dialeto usado, pareciam ser sempre os mesmos.

Para sua sorte, Paulo estava novamente ao lado de outro lusófono, como ocorrera freqüentemente na residência dos Rosa. Assim, enquanto buscavam a embocadura do relacionamento, este tipo de comportamento comum quando as pessoas, informalmente, se reúnem pela primeira vez, como que tateando no escuro – Paulo lançou a ponte da amizade para Nelson. Moçambique ainda era uma chaga aberta, especialmente para os exilados, os que vagavam por terras estrangeiras, ouvindo histórias ou, apenas, especulando sobre a situação de parentes e amigos que ficaram na guerra contra os portugueses.

A soma da curiosidade inata de Paulo à vontade evidente de Nelson em se comunicar, abriu, com naturalidade, caminho para a pintura de um retrato, de um exilado moçambicano, sobre sua terra distante. Nelson, sem preconceitos, foi falando:

– Sofremos muito, desde que os portugueses e outros povos colonialistas começaram a aparecer. Mais remotamente, houve um período quando levaram nossos avós para as terras do Brasil, para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar.

Nelson fez uma pausa, olhou bem para Paulo, como se quisesse confirmar o que pensara e disse:

– Você poderia ser meu parente. Eu diria quase com certeza que



seus ancestrais, pelo lado africano, vieram ou da Etiópia ou da Somália. Sim – gaguejou um pouco, com seu cacoete e prosseguiu: – Seu perfil, seu nariz e as entradas na testa, garantem isto.

Parou outra vez, parecia que buscava algo a mais, fixou-se em Carlos e, ainda prosseguiu, meio tartamudeando: – Veja seu camarada ali, Carlos não é? Pois ele é um típico cabo-verdeano. Se caminhar pelas ruas de São Vicente, a ilha mais importante do arquipélago e a ilha dos mulatos claros, ninguém vai saber que ele é um brasileiro.

– Já o meu amigo Ronaldo, o carioca, de conversas bom, pois ele é um iorubá, sem dúvidas. Seus antepassados devem ter vindo de Ibadã ou Lagos, na Nigéria ou daquela região em torno a Porto Novo, no Daomé.

A informação sobre Ronaldo transformara aquele comentário, a princípio recebido como apenas especulativo de Nelson, como uma verdade absoluta. Sucede que, ainda em Porto Alegre, Ronaldo dissera-lhe que sua avó, uma negra baiana de quem muito se orgulhava, que fora morar no Rio de Janeiro, era iorubá e, mesmo, Ronaldo se envaidecia por conhecer umas poucas palavras, da língua desse povo, passadas por sua avó.

Em seguida, como se o imenso parêntese não tivesse sido feito na narrativa que iniciara, Nelson prosseguiu:

– Tivemos reinos poderosos, dos quais suas odisséias nos enchem de justo orgulho, nas lutas entre si e, mesmo, contra os imperialistas. Até hoje contam-se histórias do Imperador Tchaka, chefe dos Nguni, que viriam a formar o grande Estado de Gaza, nas regiões do Zambeze e do Maputo. Fala-se, igualmente, do rei Gungunhana, que, no início do século, tentou compor com os portugueses um modo de viver com mútuo respeito, mas que foi empurrado para uma guerra que não poderia vencer.

– Na guerra contra o rei Gungunhana, os portugueses montaram um grande esforço bélico, com deslocamento de cavalaria, infantaria e artilharia, para derrotar o Estado de Gaza, já em fins do século XIX e início deste século. A versão moçambicana dos fatos vem pela boca de homens como nosso anfitrião de hoje, o senhor Al-Duk, que foram educados para guardar a história, no registro oral, de nossos povos.

Na sala as pessoas entretinham-se em grupinhos. Carlos vendo esgotada sua atenção para um francês que não compreendia, foi-se chegando e concentrou-se na narrativa que Nelson recém iniciara e que iria muito longe, se espaço lhe fosse dado. Prosseguiu:

– A subida de Salazar ao poder, em 1926, marcou o começo de um novo e mais sofisticado tempo de humilhação colonialista em nosso país. A este período chamamos de colonial-fascista. Você sabe, o fascismo é uma forma de opressão capitalista que utiliza o terror para manter a sua dominação sobre as classes trabalhadoras. A bem da verdade, o salazarismo foi um período de grande sofrimento, da mesma forma para os povos portugueses, angolanos, guineanos, cabo-verdianos e timorenses. Foi neste momento da história que criaram a terrível PIDE, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a qual, a partir de 1969, passou a chamar-se DGS, a tristemente famosa Direção Geral de Segurança. Um dia vos conto minha caminhada, ainda um jovem moçoilo, pelas matas, fugindo de animais selvagens e, muito pior, escapando do animal que mata seu semelhante, sem estar com fome, apenas porque dele pensa diferente. A PIDE, este o nome que o tempo conservou, levou à tortura milhares de irmãos, que se efetivava nas duas principais prisões – a de Machava e a da Ilha do Ibo.

Nelson respirou fundo; distraidamente acendeu um fósforo, que deu

vida a seu cigarro. Continuou:

– Para realizar com maior eficácia a exploração das riquezas dos povos das colônias era necessário que o controlo desses territórios estivesse bem seguro, nas mãos do governo fascista. A primeira lei feita por Salazar com esses objetivos foi o Ato Colonial, em 1930. A partir de então foi sendo feita, através de sucessivas leis, a reorganização administrativa, que atingiu a sua forma definitiva em 1951, quando as colônias passaram a ser chamadas de províncias ultramarinas, na ONU. Um Governador-Geral e diversos Governadores Distritais foram nomeados diretamente pelo governo colonial de Lisboa, seguindo rigorosamente a orientação que recebiam. Durante todo o período fascista houve uma intensificação da colonização. Colonos portugueses, camponeses vítimas de uma grande exploração na sua terra, e a quem prometiam melhores condições de vida, eram enviados para Moçambique, servindo como instrumento da classe dominante portuguesa. Tais colonos eram instalados nas zonas rurais, em terras que o governo português expropriava aos moçambicanos, seus legítimos donos. Estas terras, assim ocupadas pelos colonos portugueses, constituíam os colonatos. Os moçambicanos, sujeitos a uma forte discriminação racial, não eram admitidos nesses serviços ou empresas, a não ser para desempenhar funções auxiliares. Mesmo quando desempenhavam tarefas iguais aos portugueses, recebiam salários muito menores.

Nelson respirou fundo, um suspiro, em verdade, e prosseguiu: – Existiam duas categorias entre irmãos, impostas pela lei de Portugal: os indígenas, que constituíam a maioria do povo, formavam a camada mais explorada da população. Não tinham direitos e eram considerados inferiores. Estavam sujeitos a toda espécie de discriminação, sendo obrigados a

apresentar um documento de identidade, a caderneta, sem a qual eram presos e enviados para trabalhar, sem receber nada, nas plantações, na construção de estradas e noutros trabalhos pesados. Você pode imaginar a porta aberta para abusos e violências que isto ensejava, no dia-a-dia das famílias, com maridos e filhos que desapareciam para sempre. O outro grupo era dos assimilados – moçambicanos que sabiam ler e escrever em português e que assim tinham condições econômicas mais favoráveis, ficando sujeitos a uma branda discriminação.

– Pois, Gana tornara-se independente; a Nigéria depois. Uma onda libertária, a partir de 1958 começou a varrer o continente africano e, os portugueses fizeram por recuar. Aboliram, em 1961 o regime do indigenato e das leis que permitiam o trabalho forçado. Começou, outrossim, nas chamadas Províncias de Ultramar Portuguesas, a luta armada. O MPLA - Movimento para Libertação de Angola, foi o primeiro. Na seqüência surgiu aqui no Norte o PAIGC -- Partido para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, do qual fez parte o pai de Isabelle, João, morto pela PIDE. Por último, surgiu na minha terra a FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. Você pode acreditar, Paulo, os portugueses vão ser varridos nas nossas terras, do Rovuma ao Maputo.

Paulo pensou naquele instante, no mote: do Oiapoque ao Chuí.

Nelson, parece, sentira que uma cadência de palavras em francês, monocórdia, ocupava a atenção de outras pessoas, inclusive Paulo e Carlos. O final das considerações que fazia sobre Moçambique, coincidiu com as primeiras frases do **griot**:

– Eu sou um **griot**. E meu nome é Al Duk filho de Mohamad Al Duk, um mestre na arte da eloqüência. Nós, os Al Duks, desde tempos imemoriais,

temos estado a serviço dos reis e demais nobres da realeza do Mali. Temos levado, como o vento, a palavra que narra velhas histórias, e, também, temos guardado segredos nunca revelados. A arte da eloquência não se esconde de nossa família. Sem nosso desempenho, no passar dos séculos, os nomes de reis e rainhas teriam sido lavados, pelas chuvas; levados pelo vento; soterrados pelas areias do deserto. Somos a memória da humanidade. Pelo verbo, trazemos à vida, para as novas gerações, os grandes feitos dos potentados de então. Conheço todos os nomes e porque as pessoas foram assim nominadas. Minhas palavras estão livres da mentira; elas são as palavras de meu pai, que são as palavras de seu pai e do pai de seu pai. Vou passar para vocês o que ouvi de meu pai, exatamente da forma como ele me contou. Os **griots** reais não sabem o que significa a palavra mentira. Somos, aliás, os juízes, muitas vezes, do comportamento coletivo. Quando duas tribos entram em disputa somos nós quem acerta a diferença, posto que depositários do juramento feito pelos ancestrais.

– Ouçam minha palavra, verberou Al Duk – se desejam saber, se querem aprender, e somente o farão por minha boca, a história do Mali; a história de um rei que foi maior do que Alexandre, o Grande. Ouçam todos vocês aqui presentes a história do Filho do Búfalo, o Filho do Leão. Vou narrar-lhes a história de Maghan Sundiata, de Mari-Djata, de Sogolon Djata, de Naré Maghan Djata, um homem de muitos nomes contra quem nem a feitiçaria podia atingí-lo.

– Este **griot** lhes conta agora que, no início, pequena reunião gente que vivia feliz, criavam seus animais, dos quais tiravam o leite, faziam o queijo; plantavam seus vegetais; serviam-se das frutas de seus pomares. As mulheres jovens cuidavam dos filhos; ajudavam nas coisas do campo e nos trabalhos de

fiação dos tecidos, confecção das roupas e no preparo das refeições do dia. Os homens admiravam aos sábios, homens velhos que falavam com os antepassados e que sabiam curar os males do corpo. E toda a comunidade respeitava o grande chefe Mande. Não havia, entretanto, a glória, o resplendor, que somente muito empós chegaria junto com a mensagem dos homens sábios de Meca, os que traziam a palavra sagrada do Profeta... Muitas idades se passaram e o pequeno grupo de homens que nasceram do Mande e seus descendentes, vieram a formar o grande Império Islâmico do Mali. O pequeno agrupamento mandinga, tal qual um baobá, esperou, pacientemente, o passar das luas, e cada fase delas; o sol e seu andar pelo céu, trazendo a chuva, as tempestades; tornando-se mais forte e mais sólido. Grandes reis; poderosos chefes viram o crescer do baobá – e no ventre do baobá grandes poetas, **griots** e tocadores de flauta foram sepultados, numa homenagem aqueles que passam a vida toda alimentando o espírito dos homens – lutando contra inimigos constantes, como Sumanguru – respeitado seja seu nome –, que não hesitou, ao fim de uma longa batalha contra seus mais temidos inimigos, em mandar matar 11 dos 12 filhos do rei derrotado. Salvou o décimo primeiro por ser coxo, assim, sem qualquer utilidade nas artes da guerra e incapaz de afrontar-lhe no futuro. Os poderosos chefes e reis também se enganam e Sundiata, como seria um dia conhecido e respeitado, conseguiu, ajudado pelo Profeta, com o cumprimento das prescrições que um bom maometano deve seguir, deixar de ser coxo, e tornar-se, pela habilidade na caça, um destaque na corte. O rei, sensível ao perigo iminente, mandou exilar Sundiata, não mais um coxo. Do exílio, todavia, se impôs como líder natural e, mais tarde, voltou para sentar-se no trono, onde reinou por muitos e muitos anos. Alá determinou que ele, nascido coxo; poupado da morte que tiveram seus irmãos; exilado

para não ameaçar o rei, viesse a se tornar, ele sim, um poderoso rei, que foi capaz de transformar um pequeno reino mandinga, vassalo do poderoso rei Susu, no poderoso e rico Império do Mali...

A história iria prosseguir por toda a tarde. Haveria um grande intervalo para o almoço. Um **mouton** recheado foi posto, inteiro, sobre a mesa; um suculento e tenro carneiro, que deveria ser despedaçado à mão, e com elas comido.

Interessante, pensou Carlos e comentou adiante, é que aquele tipo de refeição teria casado muito bem com um vinho tinto; até mesmo branco; quem sabe rosé. Ou uma cerveja. Mas nada, invadindo aquele mundo de gente que era expressamente, por religião, abstinência, tudo o que tinha na mesa, para beber, era uma profusão de coca-colas, sucos de frutas e água mineral francesa.

## 8

**A** volta para o Cruzeiro do Sul, no fim da tarde, já mostrava Dakar, para Paulo, com os tons da saudade. Mesmo sem saber que voltaria a passar por aquela cidade, ligado ao progresso técnico da aviação, ainda por dezenas de vezes. Deixaria de fazê-lo, nos anos 80, quando Dakar foi retirada das rotas da Air France, Swissair e Lufthansa, pela inclusão, em suas frotas, de aviões que podiam voar, sem ter de reabastecer na capital do Senegal, do Rio de

Janeiro até seus destinos na Europa. Genebra seria, para Paulo, seu **stopover**, ponto de parada, nas viagens para a África. Conheceu, então, todas as esquinas e cruzamentos de Genebra, cidade presépio, toda arrumadinha, enfeitadinha, na primavera e verão, e fria, muito fria, de resto.

As ruas do centro de Dakar, com a profusão de seus odores característicos, como o de amendoim torrado, exalado por uma grande refinaria de azeiete de amendoim. Os odores de peixe e demais frutos do mar, parte da dieta dos senegaleses, vindos de seus arredores e, especialmente, da parte coberta do mercado Sandagá. O cheiro do mar, ao longo da Corniche, a **rivière** de Dakar, uma longa e bela avenida, num barranco, como define a palavra francesa, na parte baixa, tendo a emoldurá-la um mar de profundo azul. Na parte alta, ficava a população rica do Senegal e de outras partes da África, como, por exemplo, a imensa mansão que diziam ser do presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko Va Za Banga. O cheiro de corpo, um odor forte, comum na maioria das pessoas; ausente nos que já aderiram ao uso dos desodorantes. As ruas apinhadas de gente; as mulheres carregando filhos nas costas, cestos na cabeça, como Miúda, com suas troxas de roupas.

O automóvel alugado pela Câmara de Comércio, agora já dirigido por Paulo, integrado no sistema viário de Dakar, fez uma longa volta, para chegar da casa de Mussa até o hotel. Uma longa volta para rever as coisas que lhe agradaram sobremaneira, pela última vez. Seria, sim, a última vez para Carlos, que nunca mais retornaria à África. Todo seu entusiasmo, todo seu empenho, que diretamente resultou na missão gaúcha a I Feira Internacional de Dakar, teria continuidade em Paulo.

Carlos, poucos anos após, teve, prematuramente, encerrada sua aventura chamada vida. Fora marinheiro: integrara, como grumete, a viagem

dos guarda-marinha da Marinha do Brasil. Voltara e se tornara funcionário público, mas, em verdade, um boêmio, amante das noites e das coisas dela. Visionário, percebeu no discurso de Adalberto Camargo uma ponte entre os movimentos negros do Rio Grande do Sul e a África ancestral.

O dia seguinte, o da volta, foi um misto de tristeza e de esperança. Todos, indistintamente, gostaram da experiência africana. Todos, sem exceção, planejavam voltar a Dakar, numa outra oportunidade. Paulo, em especial, iria partir de Dakar com a profunda convicção de que a Feira fora uma aula e que ele, como bom aluno, aprendera a lição. Iria repetí-la, tinha certeza, algum dia.

Já no automóvel, a caminho do Yoff, o aeroporto, perdido em pensamentos, pouco atento às ruas de Dakar, Paulo recordava, naquele instante, o dia em que desaparecera, para apreensão dos amigos. Desanuviou a preocupação geral quando reapareceu; mas ninguém ficou sabendo, o porquê. Fez questão de manter o segredo de que estivera, sozinho, na casa do marabuto. Ao fim de longa conversa, de revelações, clarificações e ensinamentos, sem que Paulo houvesse feito qualquer tipo de pedido, ou falado a respeito de suas coisas na terra distante ouviu já à saída: – Sei que tens um problema lá, do outro lado do grande mar. Vai, tudo vai estar bem, finalizou Tio Gegê, liberando a mão direita de Paulo, ainda presa às suas duas mãos. Em casa soube, logo ao chegar, ainda no aeroporto Salgado Filho, que aquilo que mais intensamente desejava, naquela fase de sua vida, se tornara realidade.

Logo a seguir algo lhe chamou a atenção, nos poucos minutos em que o automóvel parou num semáforo: Um homem forte, um metro e oitenta, quem sabe, cabelos grisalhos e já rareando, especialmente na frente. Teria

uns 70 anos. Não fora o bubu marrom que vestia, parecia-se com venerandos senhores das ruas de Porto Alegre. Mas não. Aquele homem era a imagem de seu pai, já morto. E executava, seu Mário, ou quem sabe, monsieur Abdoulaia Fofana, em Dakar, na frente de sua casa, aquilo que seu pai insistiu a vida toda em fazer – no quintal, após tomar o chimarrão da madrugada; empós dar milho para suas galinhas, depois de, antes dos fogões a gás, serrar as achas de lenha, e partí-las com uma machadinha, que alimentavam um fogão, que garantia a comida do dia-a-dia e aquecia a pequena casa, no frio inverno do Rio Grande: ao invés de escovar os dentes, massageava-os e às gengivas, com o indicador, untado em bicarbonato de sódio. Como estava fazendo aquele homem que, como Dakar; a doceira de rua; a família Rosa; a Feira de Comércio; o professor Abou Mussa; José Hugo; Isabelle; Tio Gege e tudo mais, se moviam para um canto da memória de Paulo. No mesmo lugar em que repousam, para serem revividos em momentos especiais, Miúda, as cabras de Malvina e de Lothar; Dr. Silva, a Festa dos Navengates, ou as enchentes da Ilhota.

---

#### NOTA DO AUTOR;

**Reencontro em Dakar** é, majoritariamente, produto de ficção, mas também é factual, com registros de minha memória. Os nomes ou são de personagens criados; ou homenageiam pessoas mortas, ou ainda vivas.

Muitas das falas dos personagens Isabelle, José Hugo, do **griot** Al-Duck e de Abou Mussa, estão calcadas em carta que recebi de Henry Arfang Senghor, embaixador do Senegal junto ao Brasil, em 1966, e em registros históricos disponíveis, em meu modesto acervo de livros e publicações, e bibliotecas que visitei na África e Europa, sobre a cultura africana.

Adalberto Camargo, Edson Batista Chaves, Olga e Maria Rosa, estão vivos, a quem, ou agradeço favores e oportunidades, ou reconheço visão

---

histórica.

Meus pais, Ronaldo Baptista, João Jose Rosa, o Jeanot, Carlos Marcelino Santos, Thiers Pires, estão mortos.

Os demais são obra de ficção, exceptuados nomes de personagens da História, e outros expressamente citadas como integrantes do mundo real.

É, enfim e sobretudo, diminuto flagrante de um momento belo da história daquele Continente, do qual, envaidecido, participei: o da retomada de sua autodeterminação.

---

Concluído em março de 1992 (18 anos após a viagem)